



United Nations Global Compact



A PIONEER FOR
SUSTAINABLE STOCK
EXCHANGES

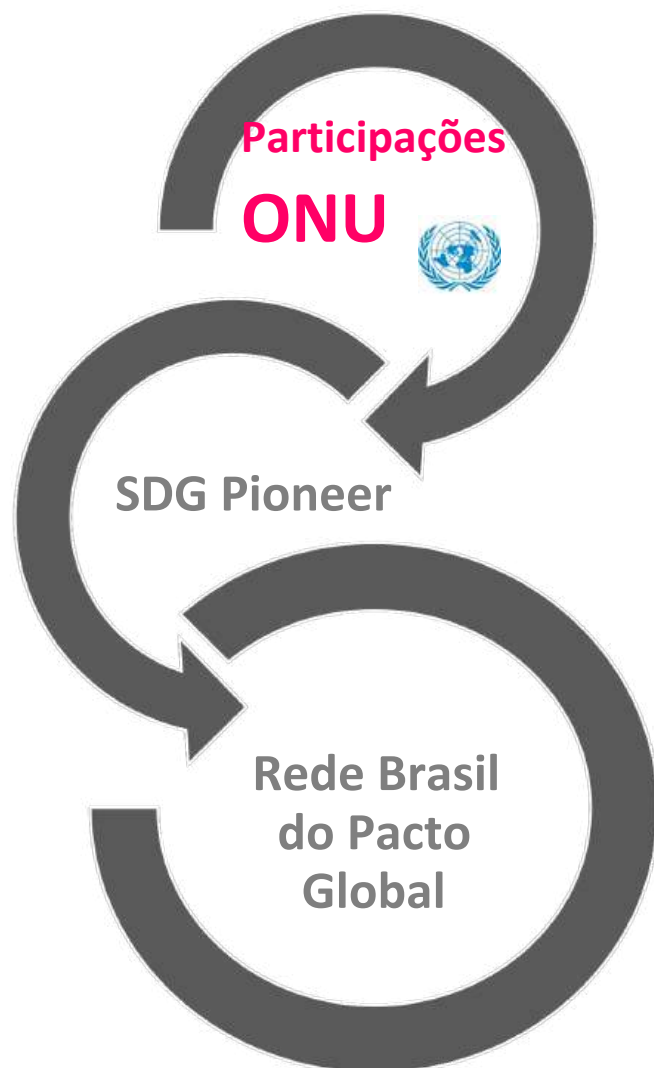
SONIA CONSIGLIO FAVARETTO
Brazil

mm7 pioneers

Sonia Consiglio

- ❖ Jornalista e radialista, atua com sustentabilidade, comunicação e investimentos sociais privados há mais de vinte e cinco anos, com passagens por **BankBoston**, **Febraban**, **Itaú Unibanco** e **B3**.
- ❖ Foi reconhecida em 2016 pelo **Pacto Global da ONU** como **"SDG Pioneer"**, uma das dez pessoas do mundo que trabalham pelo avanço dos ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.
- ❖ **Conselheira de Administração** e membro de **Comitês de Sustentabilidade/ESG** de várias organizações.
- ❖ Membro do Comitê Consultivo do **Movimento "Elas Lideram 2030"** (Pacto Global Brasil) e Líder da **Rede Anbima de Sustentabilidade**.
- ❖ Membro do Conselho Consultivo da **Brazil Foundation**, do Conselho Técnico do **Instituto Ekos Brasil** e do Conselho Editorial da **Revista RI**.
- ❖ Colunista do **Valor Investee** da **Nova Brasil FM**.
- ❖ **Top Voice** de Sustentabilidade pelo **LinkedIn**.
- ❖ Autora dos livros **"#vivipraver – A história e as minhas histórias da sustentabilidade e do ESG"** e **"#sobrevivi – o que li, aprendi e vivo no meu luto"** – Editora Heloisa Belluzzo.





***Vice-presidente
Presidente do Board
(2017 a 2019)***



**Pacto Global
Rede Brasil**

***Membro do Comitê Consultivo do
Movimento “Elas Lideram 2030”***



**United Nations
Global Compact**



**A PIONEER FOR
SUSTAINABLE STOCK
EXCHANGES**

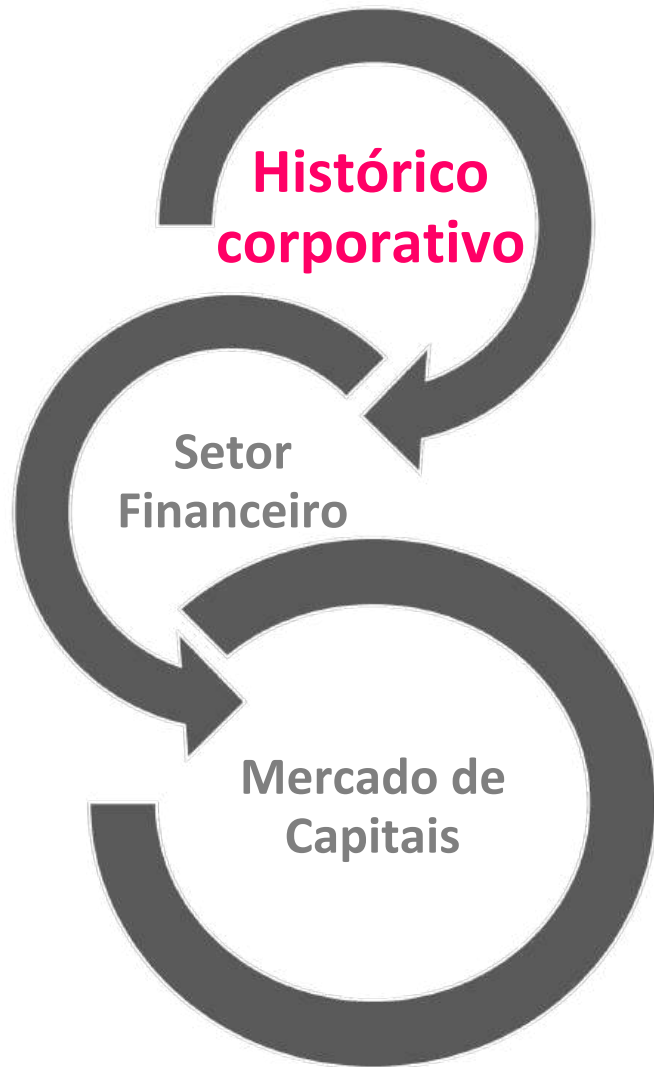
A CONSIGLIO FAVARETTO

#SDGpioneers

***“SDG Pioneer”:
reconhecida em 2016
pelo **UNGC - United
Nations Global Compact**
(Pacto Global da ONU)
como uma das dez
pessoas do mundo que
estão contribuindo para
o avanço dos ODS –
Objetivos de
Desenvolvimento
Sustentável.***



Reconhecimento na Assembleia Geral da ONU, com Ban Ki-moon. Paineis Times Square. NY



*Diretor de Comunicação e RH do **BankBoston**. Superintendente da Fundação **BankBoston** (1998 – 2006)*



*Superintendente de Sustentabilidade, Comunicação Interna e Institucional do **Itaú Unibanco**. Responsável pela criação da área de sustentabilidade (2007 – 2009)*



*Diretora Setorial de Responsabilidade Social e Sustentabilidade da **Febraban – Federação Brasileira de Bancos** (2006 – 2009)*

*Diretor de Sustentabilidade e Comunicação da **B3** e Superintendente da **B3 Social**. Responsável pela criação da área de sustentabilidade (2009 – 2019)*



*Presidente do Conselho Deliberativo do **ISE – Índice de Sustentabilidade Empresarial da B3** (2009 – 2019)*



*Membro externo do Comitê de Segurança, Meio Ambiente e Saúde da **Petrobras** (2016 – 2021)*



*Membro do Conselho de Administração e Coordenadora do Comitê de Responsabilidade Social, Ambiental e Climática do **BNDES** (2020 – 2023)*



United Nations
Global Compact



A PIONEER FOR
SUSTAINABLE STOCK
EXCHANGES

SONIA CONSIGLIO FAVARETTO
Brazil

Colunista

SDG pioneers

Colunista



Coluna quinzenal sobre ESG no Valor Investe



Sonia
Consiglio

Espaço para falarmos de tendências, iniciativas e dilemas da sustentabilidade corporativa. Num mundo mais interconectado, precisamos discutir conjuntamente questões econômicas, sociais, ambientais e de governança (EESG), acabando com o mundo paralelo da sustentabilidade

A autora é SDG Pioneer pelo Pacto Global da ONU, Vice-presidente do Conselho Consultivo do CDP LA, membro do Conselho Técnico do Instituto Ekos Brasil, conselheira de empresas e atua há 20 anos com sustentabilidade. Autora do livro “#vivipraver – a história e as minhas histórias da sustentabilidade ao ESG”. Heloisa Belluzzo Ed.

<https://valorinveste.globo.com/blogs/sonia-consiglio/>



“Mundo ESG”, coluna semanal na Rádio NovaBrasil FM





United Nations
Global Compact



A PIONEER FOR
SUSTAINABLE STOCK
EXCHANGES

SONIA CONSIGLIO FAVARETTO
Brazil

Formadora de Opinião



LinkedIn Notícias

1.338.533
seguidores

Seguindo

A lista Top Voices Sustentabilidade 2022 seleciona 10 especialistas que compartilham suas perspectivas sobre os desafios que a sustentabilidade enfrenta em todo o mundo, além de proporcionar reflexões sobre como enfrentar a crise climática.

LinkedIn

TOP VOICES

Sustentabilidade

Sonia Consiglio

Especialista em sustentabilidade

Seguir



Sobre o que fala: A jornalista atua como membro de conselhos de administração e ESG de instituições como BNDES, Fundação Instituto de Administração e Companhia Brasileira de Alumínio. Seus conteúdos abordam temas como as mudanças causadas pela **responsabilidade ambiental, social e governamental**, os **empregos do futuro relacionados à economia verde** e a importância da **pauta ambiental no desenvolvimento de um negócio**.

👉 [Siga Sonia Consiglio](#)

16 LÍDERES DE GOVERNANÇA CORPORATIVA PARA SEGUIR NO INSTAGRAM



@patlobaccaro @geovanadonella @fabio.brasiliano @leticiasugai



@danielsibille_ @glachuery @robertoavefaria @mariariosacne



@marlyparra1 @marcelo_zenkner @juliana_bernardo @eduardogoncalvesnardini



@gustavorabay @robertacodignoto @marcioelkalay @sustentabilidade_by_me

PRINCIPAIS INFLUENCIADORES EM ESG NO LINKEDIN

SONIA CONSIGLIO

Especialista em Sustentabilidade

Linkedin: 13K seguidores

Twitter: 513 seguidores

VIVIANE MANSI

Diretora de Comunicação e Sustentabilidade
Toyota - LATAM

Linkedin: 55K seguidores

Twitter: - seguidores

ANTONIO EMÍLIO FREIRE

Membro do Conselho Eletrobras

Linkedin: 18K seguidores

Twitter: -

INFLUENCIADORES
ESG

Seguidores
no LinkedIn
em
07/10/2024:
26.779

NAIARA BERTÃO

Jornalista Valor Econômico

Linkedin: 24K seguidores

Twitter: 793 seguidores

Diretora Global de Sustentabilidade da Natura
Linkedin: 23K seguidores
Twitter: 80 seguidores

“Estudo ESG na Mídia”



Conheça o IQEM

Temos o mais respeitado índice de mensuração de resultados de PR do País, o IQEM, um indicador de ROI (return of investment) que atribui valor monetário ao resultado da exposição espontânea de marcas e empresas na imprensa e nas redes sociais. O IQEM é usado por algumas das maiores marcas do Brasil para auditar a qualidade de sua exposição na mídia e orientar a estratégia de seus times de comunicação.

CDN - IQEN

Como a cobertura do ESG é feita na mídia brasileira?

Foram analisadas **1.150 matérias entre janeiro e março de 2023 em 20 veículos impressos e da web:** Brazil Journal, Broadcast, Correio Braziliense, Dinheiro, Época Negócios, Estadão, Exame.com, Folha de S. Paulo, G1, Infomoney, IstoÉ, Meio & Mensagem, Metrôpoles, O Globo, Reuters, R7, Terra, UOL, Valor e Valor Invest.

Entre as fontes mais procuradas pela mídia para corroborar a cobertura ESG, a especialista Sônia Consiglio tem a maior participação (6,9%) nas matérias estudadas. Compõem a lista Adriane Reis Araújo, coordenadora de igualdade do Ministério Público do Trabalho (3,1%); Frederick Dahlmann, professor de sustentabilidade na Universidade de Warwick (2,7%) e Carlo Pereira, CEO do Pacto Global da ONU no Brasil (2,6%). Além disso, a quarta posição é de Ricardo Sales, CEO da Mais Diversidade, com aparição em 2,4% das peças.

RI

RELAÇÕES COM INVESTIDORES

www.revistari.com.br

PARA ALÉM DAS
ELEIÇÕES

por FRANCISCO PETROS

CRIPTOATIVOS
NO QUE OS ANALISTAS
DEVEM PRESTAR ATENÇÃO?

por EDISON FERNANDES

A TANGIBILIDADE DOS
ATIVOS INTANGÍVEIS

ESG

por ANTONIO EMILIO FREIRE
e ROCHANA GROSSI FREIRE

ENTREVISTA

Sonia CONSIGLIO

Conselheira, especialista em Sustentabilidade
SDG Pioneer, Pacto Global da ONU

SUSTENTABILIDADE
UMA JORNADA COM INTELIGÊNCIA

por CIDA HESS e MONICA BRANDÃO



<http://www.revistari.com.br/265>

“

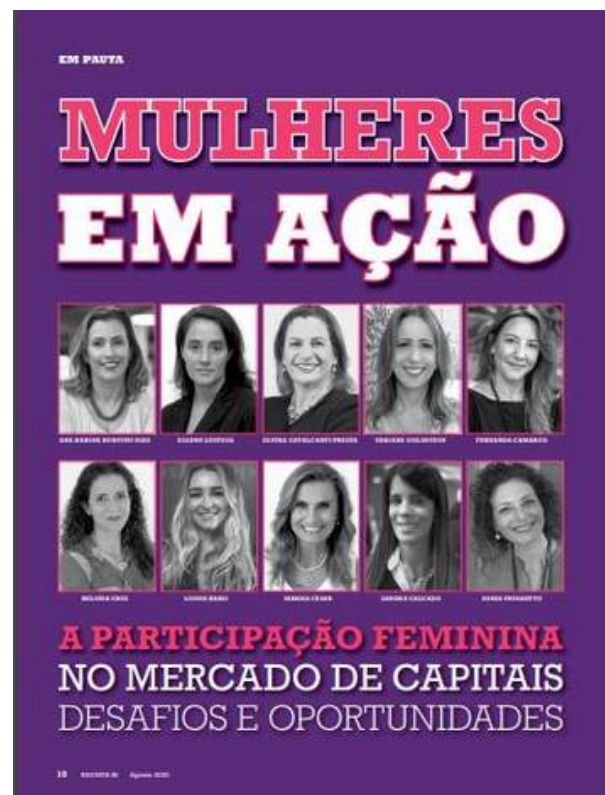
Importante dizer que Sustentabilidade não é uma jornada nova. Podemos citar um dos marcos, ainda em 1987, o “Relatório Brundtland - Nosso Futuro Comum”, da ONU, que trouxe a definição clássica de Desenvolvimento Sustentável: “Desenvolvimento sustentável é aquele que satisfaz as necessidades da geração atual sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades”.

”

“

ESG é sobrevivência, que passa por conscientização. Sem conscientização, não é possível realizar. Tem um quê de modismo, porque ganhou o mundo, é “a sigla mais famosa das galáxias”, como costumo brincar. Mas se pensarmos em modismo como uma moda que vai passar, ESG está longe disso. Então, é sobrevivência.

”



SONIA FAVARETTO

“Encerrei um ciclo de 22 anos de carreira executiva em janeiro e construo agora esse novo caminho, que é focar em comitês e em conselhos. Quero cada vez mais ampliar minha participação no mais alto nível da governança e ao mesmo tempo sigo como pró-bono em várias instituições de sustentabilidade. Acho que é a minha entrega para o setor.”

SUSTENTABILIDADE E INFORMAÇÃO

O propósito da sustentabilidade guiou a carreira da jornalista **Sonia Favaretto**, atual presidente do Conselho Consultivo da GRI Brasil. Ela começou sua carreira como locutora e, após a passagem em várias rádios e agências de comunicação, ingressou na vida corporativa. Foram 22 anos de vida executiva ininterruptas. “Comecei no Bank Boston, onde entrei como gerente e saí como diretora, depois de 8 anos. Foi no banco que eu pus, de fato, o pé no terceiro setor. Na época, anos 2000, essas questões de sustentabilidade começavam a ser faladas”, conta.

Ainda no Boston, Sonia assumiu a liderança da Comissão de Responsabilidade Social e Sustentabilidade da Febraban. Após a aquisição do Boston pelo Itaú, em 2006, ela montou a área de sustentabilidade do banco, onde permaneceu por três anos. Após esse período, veio o convite para montar a área de sustentabilidade da Bolsa de Valores de São Paulo.

Foi neste período que a bolsa brasileira se tornou uma referência internacional em termos de sustentabilidade ao lado da bolsa de Joanesburgo. “Nesse caminho, em 2016, eu tive a grande honra ser reconhecida pelo Pacto Global da ONU de Nova York como uma das dez pessoas do mundo que trabalham pelo o avanço dos objetivos do desenvolvimento sustentável”, diz.

Após 10 anos de Bolsa, findos em dezembro de 2019, Sonia passou a se dedicar ainda mais à sustentabilidade. “Encerrei esse ciclo de 22 anos de carreira executiva em janeiro e construo agora esse novo caminho, que é focar em comitês e em conselhos. Quero cada vez mais ampliar minha participação no mais alto nível da governança e ao mesmo tempo sigo como pró-bono em várias instituições de sustentabilidade. Acho que é a minha entrega para o setor”, afirma.

Sônia preside o Conselho Consultivo da GRI no Brasil, é vice-presidente do Conselho Técnico do CDP e membro do Ekos Brasil. Além disso, foi presidente do Comitê Brasileiro do Pacto Global, até o final de 2019. “Costumo dizer que eu só estou em sustentabilidade porque eu sou uma pessoa de comunicação. Este meio ainda precisa de muita comunicação”, diz.



United Nations
Global Compact



A PIONEER FOR
SUSTAINABLE STOCK
EXCHANGES

SONIA CONSIGLIO FAVARETTO
Brazil

Escritora #SDGpioneers



Este livro é sobre as minhas histórias. Ao escrevê-lo, resgatei de forma profunda a essência da minha profissão, jornalista, que é relatar fatos, contar casos, escrever... histórias. E assim surgiu naturalmente a ideia de criar um selo para marcar uma série de livros que o #vivipraver agora inaugura. Pelo selo "HISTÓRIAS_BY_ME", vou contar as histórias inspiradoras de outras pessoas. Há tanto a ser retratado, registrado, eternizado... Agradeço a companhia nesta primeira viagem pelas histórias da sustentabilidade. E já o(a) convido para as próximas viagens literárias da série HISTÓRIAS_BY_ME.



Também
no formato
E-BOOK em
português
e inglês.

Sonia reúne uma capacidade única de enxergar os grandes desafios da sociedade e endereçá-los com empatia, coerência e excelência. Dona de uma trajetória admirável, guiada por um propósito maior, alcançou o sucesso rapidamente. É uma pessoa que compartilha valor em tudo que faz e deixa grandes contribuições para a expansão do desenvolvimento da sustentabilidade no Brasil.

David Feller

Presidente do Conselho de Administração da Suzano

Sonia vem conectando os temas sustentabilidade e negócios muito antes de ganharem a visibilidade de hoje. Como *SDG Pioneer*, ela mostra que é possível buscarmos desenvolvimento econômico ao mesmo tempo em que cuidamos do nosso planeta e sociedade e vem dedicando sua carreira a nos mostrar os caminhos, usando seu conhecimento, energia e pragmatismo. É um privilégio acompanhá-la nesta jornada.

Tania Cosentino

Presidente da Microsoft Brasil e 2017 SDG Pioneer pela ONU

Algumas pessoas se tornam especiais pelo conhecimento consistente e profundo que possuem sobre determinados temas. Outras, pela sensibilidade, coerência e consistência em suas atitudes e palavras. A Sonia é uma dessas pessoas únicas que conseguem reunir e catalisar essas duas dimensões com maestria e simplicidade. Em sua longa jornada atuando de forma ativa para que a sustentabilidade conquiste corações e mentes, Sonia é sinônimo de sabedoria e inspiração.

Carlos M. Takahashi

Chairman da BlackRock Brasil e Vice-Presidente da Anhima

Tudo o que eu fazia no BankBoston, no final dos anos 90 e começo dos 2000, contou com a Sonia. Como faria sem aquela parceira de todas as horas, com olhar sempre curioso, jamais de estranhamento, juntando o mundo dos negócios e a sustentabilidade? Ela deslançou nesta agenda da sustentabilidade e responsabilidade social para contribuir como uma das lideranças mais importantes do mundo. A parceira de ontem é parceira de hoje e de amanhã em causas que só fazem bem.

Reinaldo Bulgarelli

Txai Consultoria e Educação



SONIA CONSIGLIO FAVARETTO

#vivipraver

ISBN 9786599110536

SONIA CONSIGLIO FAVARETTO



Prefácio de **FABIO BARBOSA**



Jornalista e radialista, Sonia Consiglio Favaretto atua com sustentabilidade, comunicação e investimento social privado nos mercados financeiro e de capitais há mais de vinte anos.

Estruturou as áreas de sustentabilidade no Itaú Unibanco e na B3, a bolsa de valores brasileira, e liderou a Comissão de Sustentabilidade e Responsabilidade Social da Febrabran – Federação Brasileira de Bancos.

Foi presidente do Conselho Deliberativo do ISE – Índice de Sustentabilidade Empresarial por 10 anos, presidente do Board da Rede Brasil do Pacto Global, vice-presidente do Sustainability Working Group da Federação Mundial de Bolsas (World Federation of Exchanges) e membro do Stakeholder Council da GRI – Global Reporting Initiative, Amsterdam. Pelo terceiro setor, liderou a Fundação BankBoston e a B3 Social.

Foi reconhecida em 2016 pelo Pacto Global da ONU (United Nations Global Compact) como SDG Pioneer, uma das dez pessoas do mundo que trabalham pelo avanço dos ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Nos anos seguintes, compôs o comitê de seleção dos(as) novos(as) pioneiros(as).

Atua em vários conselhos de administração e comitês de sustentabilidade e, de forma *pro bono*, em conselhos de organizações não governamentais que são referência no tema: é presidente do Conselho Consultivo da GRI Brasil, vice-presidente do Conselho Consultivo do CDP Latin America e membro do conselho técnico do Instituto Ecos Brasil.

Colunista do Valor Investe, é professora, palestrante, painelistas. Uma apaixonada pelo falar, escrever e comunicar.

A evolução do conceito de sustentabilidade

Jornalista pioneira na área relata suas experiências até chegar ao ESG. Por **Naiara Bertão**, de São Paulo

#vivipraver: A história e as minhas histórias da sustentabilidade ao ESG

Sônia Consiglio Favaretto
Ed. Heloisa Belluzzo, 100 págs., R\$ 40,00



O livro **"#vivipraver: A história e as minhas histórias da sustentabilidade ao ESG"** é um resumo pessoal e coletivo de como a temática

da sustentabilidade evoluiu no Brasil em mais de duas décadas. Em suas 100 páginas, Sônia Consiglio Favaretto, jornalista, membro do conselho de administração do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e presidente do comitê de Sustentabilidade da Vinci Partners, entre outros chapéus, relata experiências que viveu pessoalmente na condição de pioneira da temática da sustentabilidade no país.

Não à toa ela recebeu, em 2016, o título de SDG Pioneer for Sustainable Finance and Development, das Nações Unidas, e ajudou a desbravar os temas ligados ao ESG, sigla usada para apontar questões ambientais, sociais e de governança corporativa.

Na década de 1990, quando começou a trabalhar com a temática no BankBoston, o mundo também engatinhava nessa área. No livro, a evolução do tema no Brasil, contada em formato de pequenas lembranças de conquistas, erros, acertos e aprendizados pelas quais a autora passou em sua trajetória profissional, vai ao lado de marcos históricos do ESG no mundo, como o lançamento dos Princípios do Equador, regras de concessão de crédito que levam em conta questões socioambientais, e a criação da Agenda 2030 e dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, entre outros.

Favaretto, que também é colunista do **Valor** e do site **Valor Investe**, defende já faz alguns anos que



Favaretto diz que o "econômico" se integrou de vez ao ESG com a pandemia

passemos a acrescentar um "E", de "econômico", antes de ESG (portanto, EESG), como forma de deixar claro para qualquer bom e mau entendedor que não há mais como separar sustentabilidade e negócios.

"O entendimento de que a questão econômica é intrínseca ao ESG, na minha visão, aconteceu de cinco anos para cá e teve seu 'boom' na pandemia. É o investidor que puxa. Para trazer o econômico para o ESG, o motor tem que ter esse meio financeiro", diz Favaretto em entrevista ao **Valor**.

Ela conta que percebeu essa mudança de visão quando começou, ainda como diretora de Comunicação e Sustentabilidade da B3, a bolsa de valores brasileira, a receber uma quantidade crescente de pedidos, vindos de investidores, de informações sobre o que a bolsa estava fazendo nessa área.

Parte importante da história do ESG no país é justamente a criação de índices com foco em empresas mais sustentáveis, como o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE),

que foi reformulado este ano, e o Índice de Carbono Eficiente (ICO2), além do próprio Índice de Governança Corporativa (IGC), indicador composto de ativos de empresas que, em teoria, têm melhor governança em sua gestão.

"As empresas começaram a perceber que a crise ambiental, por exemplo, impacta no seu resultado financeiro e que a reputação está relacionada à questão social. O que percebo agora é que estamos falando de mudanças estruturais, com regulações vindas, por exemplo, do Banco Central", diz Favaretto, citando as mudanças recentes divulgadas pela autarquia, que ampliou as exigências de informações sobre ESG das instituições financeiras e das empresas para as quais elas emprestam dinheiro. A Comissão de Valores Mobiliários (CVM) também está revisando as regras do formulário de referência exigido para empresas de capital aberto e vai pedir mais detalhes sobre os projetos para o ambiental e social.

No exterior, a comissão de valores mobiliários americana (SEC) autorizou

a bolsa Nasdaq a passar a exigir, para as empresas abrirem capital, que tenham ao menos duas lideranças de grupos considerados "diversos" no conselho, sendo uma delas mulher. "Todos esses movimentos mostram que saímos da ciência conceitual para uma mudança estrutural", reforça a autora.

No livro, ela conta que o "G" (governança) foi o primeiro a ganhar relevância nas empresas, puxado pela criação do segmento de Novo Mercado da B3. A ela, seguiram-se outras três fases. A segunda, das políticas corporativas socioambientais, está muito ligada a riscos e na esteira de movimentos que se formaram após o documentário "Uma Verdade Inconveniente", do ex-vice-presidente americano Al Gore.

A terceira, da pressão puxada pelo capital (investidores) para que a alta liderança começasse a acompanhar mais de perto os indicadores ESG (foi aí que a palavra entrou de vez no dicionário corporativo), se caracteriza pelo surgimento de padronizações globais sobre o tema para divulgação de informações.

E, por fim, a fase que surgiu em meio à pandemia e que levou de vez à integração do "econômico" ao ESG. "A quarta fase do EESG, a definitiva. Até que não precisemos mais de siglas para que as questões sociais, ambientais e de governança estejam plenamente inseridas no mainstream econômico. E componham, enfim, um novo mainstream", diz a autora no livro.

A nova fronteira, acredita Favaretto, é a distribuição de recursos para ajudar países emergentes, como o Brasil, a lidar com a mudança de infraestrutura para diminuir as emissões de gases poluentes, a regulamentação do artigo 6 do Acordo de Paris — que trata dos instrumentos para criação de um mercado global de carbono —, a biodiversidade e maior engajamento das lideranças empresariais. Os dois primeiros itens foram, inclusive, os temas principais da COP26 em Glasgow, na Escócia, nesta semana. ■



Papo Responsável

Uma das maiores especialistas da agenda ESG do País, **Sônia Favaretto** falou à coluna sobre o livro **#vivipraver** que lançará em São Paulo, domingo (21), na Livraria Martins Fontes, às 16h.

ESG

"Brinco que essa é a sigla mais famosa das galáxias, mas que, no fundo, é sustentabilidade. Duas variáveis impulsionaram o termo: o envolvimento dos investidores nos últimos anos e a pandemia, que mostrou que o mundo é interconectado nos aspectos sociais, ambientais e econômicos".

O LIVRO

"É a síntese de quase 20 anos da minha atuação nessa área. Após montar a área no Itaú, na B3 e receber o reconhecimento da ONU como uma das dez pessoas do mundo que trabalham pelos avanços dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), consolidei 50 histórias no livro **#vivipraver**".

O LANÇAMENTO

"O lançamento feito pela Editora Heloisa Belluzzo está sendo especial para muita gente pois se tornou um momento de retomada do período pós-pandemia".

GREENWASHING

"O ESG entrará na agenda das empresas por três caminhos: pelo amor, pela dor ou pela inteligência — ou faz por convicção ou com o objetivo de se dar bem ou por decisão estratégica. Mas defendo que faça, que caminhe porque uma hora entenderá a importância da agenda".

Diante da dor, Sonia encontrou na literatura um refúgio e um suporte para seu sofrimento. Este livro é uma meta-análise que revela as vitaminas que a autora usou para enfrentar seu luto pelo ex-marido. É um lindo registro do caminho percorrido ao longo do primeiro ano de sua perda, e das 24 obras que ela devorou neste período. Um convite para encontrarmos nosso próprio caminho nessa jornada pessoal e intransferível.

Gabriela Casellato - psicóloga e sócia-fundadora do 4 Estações Instituto de Psicologia. Autora do livro "Luto por Perdas Não Legitimadas na Atualidade".

Este é um livro para ler sozinha e poder chorar; copiar trechos e enviar para aquela pessoa especial que precisa de apoio. Um livro para levar na bolsa e grifar pensamentos aos quais precisamos recorrer de tempos em tempos. Os textos cuidadosamente escolhidos por Sonia confortam, elucidam e trazem luz a almas doloridas.

Heloisa Belluzzo - Editora



#SOBREVIVI SONIA CONSIGLIO

SONIA CONSIGLIO

#SOBREVIVI

O que li.
aprendi
e vivi
no meu
luto



LANÇAMENTO

**"#SOBREVIVI -
o que li, aprendi
e vivi no meu luto"**

não é um livro de autoajuda, autoanálise ou mesmo de autopiedade. Longe disso. É uma obra destinada a pessoas sensíveis e que toca de um jeito simples e elegante em um tema que, por vezes, não é compreendido pela sociedade, que ainda lida mal com as perdas permanentes. O trabalho de Sonia Consiglio é um sopro de conforto para aqueles que, de alguma maneira, precisam lidar, em algum momento, com a questão da morte e do luto. Ou seja, todos nós."

Valor Econômico
Eu&Livros, 16/03/2024

"Um livro para ler só e poder chorar, copiar trechos e enviar para aquela pessoa que precisa de apoio; grifar pensamentos aos quais precisamos recorrer de tempos em tempos. Os textos, cuidadosamente escolhidos por Sonia, confortam, elucidam e trazem luz a almas doloridas."

Heloisa Belluzzo
Editora



Sonia Consiglio
SDG Pioneer pelo Pacto
Global da ONU, Conselheira
de Administração, jornalista
e escritora

CONTATOS:

@heloeditora
@sustentabilidade_by_me
heloisabeluzzoeditora.com.br



Referências literárias sobre o luto

Sonia Consiglio faz um mergulho no tema. Por **Marcus Lopes**, para o **Valor**, de São Paulo

EU & LIVROS

O último de Bolaño

Livro póstumo reúne cinco contos e duas conferências do escritor chileno. Por **Luciana Araújo Marques**, para o **Valor**, de São Paulo



Introdução e notas de Bolaño de autoria de Sonia Consiglio. Tradução de Luciana Araújo Marques. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. 112 páginas. R\$ 24,90.



Roberto Bolaño entregando o prêmio de "O último de Bolaño" para Sonia Consiglio.

Roberto Bolaño entregando o prêmio de "O último de Bolaño" para Sonia Consiglio.

Roberto Bolaño entregando o prêmio de "O último de Bolaño" para Sonia Consiglio.



Sonia Consiglio.

Sonia Consiglio entregando o prêmio de "O último de Bolaño" para Roberto Bolaño.



Roberto Bolaño.

Roberto Bolaño entregando o prêmio de "O último de Bolaño" para Sonia Consiglio.

Lançamentos



O último de Bolaño, de Sonia Consiglio, lançado em 2023, reúne cinco contos e duas conferências do escritor chileno.



O último de Bolaño, de Sonia Consiglio, lançado em 2023, reúne cinco contos e duas conferências do escritor chileno.



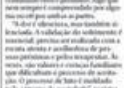
O último de Bolaño, de Sonia Consiglio, lançado em 2023, reúne cinco contos e duas conferências do escritor chileno.

Referências literárias sobre o luto

Sonia Consiglio faz um mergulho no tema. Por **Marcus Lopes**, para o **Valor**, de São Paulo



O último de Bolaño, de Sonia Consiglio, lançado em 2023, reúne cinco contos e duas conferências do escritor chileno.



O último de Bolaño, de Sonia Consiglio, lançado em 2023, reúne cinco contos e duas conferências do escritor chileno.



O último de Bolaño, de Sonia Consiglio, lançado em 2023, reúne cinco contos e duas conferências do escritor chileno.



O último de Bolaño, de Sonia Consiglio, lançado em 2023, reúne cinco contos e duas conferências do escritor chileno.



O último de Bolaño, de Sonia Consiglio, lançado em 2023, reúne cinco contos e duas conferências do escritor chileno.



O último de Bolaño, de Sonia Consiglio, lançado em 2023, reúne cinco contos e duas conferências do escritor chileno.



O último de Bolaño, de Sonia Consiglio, lançado em 2023, reúne cinco contos e duas conferências do escritor chileno.

**AUTÓGRAFOS
NA BIENAL!**

**07 de setembro
às 15h, stand A81
espaço ABIGRAF**
SONIA CONSIGLIO



27ª BIENAL INTERNACIONAL
DO LIVRO DE SÃO PAULO

**viena
press**
COM.BR


gráfica viena
A gente faz você acontecer.





United Nations
Global Compact



A PIONEER FOR
SUSTAINABLE STOCK
EXCHANGES

SONIA CONSIGLIO FAVARETTO
Brazil

Prefaciadora

Prefácios





United Nations
Global Compact



A PIONEER FOR
SUSTAINABLE STOCK
EXCHANGES

SONIA CONSIGLIO FAVARETTO
Brazil

Entrevistadora

Programa mensal de entrevistas no Instagram desde 2022



Instagram

sustentabilidade_by_me



Big Numbers

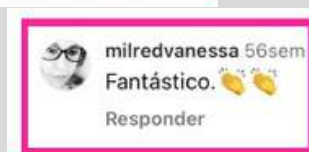
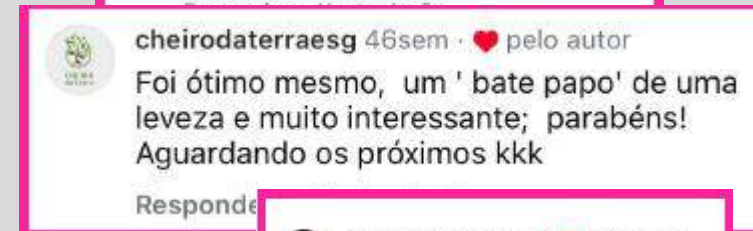
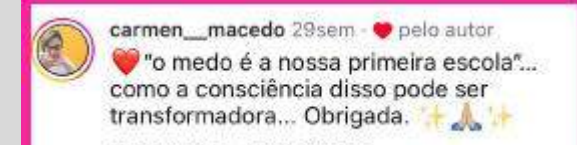
+12 mil
views

10

episódios

2 mil

interações





United Nations
Global Compact



A PIONEER FOR
SUSTAINABLE STOCK
EXCHANGES

SONIA CONSIGLIO FAVARETTO
Brazil

Colunas no Valor Econômico

ESG no Valor 1000: destaques e desafios

Palavra do gestor



Sonia Consiglio

Analisar 75 candidatas a compor o anuário Valor 1000, como membro do Comitê ESG Valor/FGVcef, foi uma oportunidade única de mergulhar nas suas políticas, práticas, compromissos e metas ambientais, sociais e de governança. Desde 2022, são considerados fatores ESG na avaliação das empresas que se destacam setorialmente, segundo critérios contábeis e financeiros, com peso de 30% no resultado final. Eu integro o comitê de seleção desde o início e considero a iniciativa um daqueles marcos que fazem o ponteiro da sustentabilidade corporativa avançar. Uma das bases para as minhas análises foram os relatórios de sustentabilidade. Por meio de sua leitura, pude comprovar o que já é padrão em empresas de ponta na agenda ESG, seus destaques e desafios.

Transparência de informações

A primeira mensagem é a importância que se deve dar, em forma e conteúdo, às informações que se tornarão públicas. Um relatório "fala" sobre a empresa, imprime uma marca, impressiona ou decepciona. Que dizer, então,

quando uma organização que opera no Brasil só tem esse documento no idioma da sua matriz? Foi o que encontrei em alguns casos. Ótimos reportes, mas... em inglês? Sei da complexidade de ser filial, já calcei esses sapatos. Mas há que se trabalhar pelo fortalecimento local também nos relatórios.

Frameworks e padrões globais

Os relatórios que mais se destacaram seguem os principais frameworks mundiais: GRI, SASB, TCFD, IIRC, CDP, ODS. Sim, é uma sopa de letrinhas, mas que significa muito para quem entende do assunto, especialmente investidores e tomadores de decisões que querem ter certeza de que a informação que estão lendo segue um padrão internacional que, portanto, permite comparabilidade. O destaque fica para as poucas empresas que já estão seguindo o IFRS S1 e S2, da IFRS Foundation, que será regra pela CVM a partir de 2027 (dados de 2026).

Olhar externo

Os relatórios são autodeclarações. Portanto, verificação externa é mais do que bem-vinda. No entanto, não foi uma unanimidade.

Precisamos avançar nisso, dando às informações ESG o mesmo escrutínio aplicado às financeiras. Uma prática também não comum, mas interessante, é a contratação de "leitores externos" para opinar sobre o documento.

Materialidade de riscos

A utilização de "Temas Materiais" como norteadores do relatório foi corrente em praticamente todas as candidatas. Dialogando com esse contexto, o gerenciamento de riscos também foi conteúdo constante. Por outro lado, vi pouco sobre investimentos em inovação, pesquisa e desenvolvimento, que são cruciais para a evolução da sustentabilidade. Fica a dúvida se as empresas não estão olhando para essa frente como deveriam ou se apenas não a mencionaram. Espero que seja a segunda opção.

Metas, metas, metas

Há muito, a agenda ESG corporativa saiu do âmbito das boas intenções. As empresas referência no tema têm metas bem definidas, de longo prazo e com marcos intermediários. O horizonte de tempo em geral é 2030, data final dos ODS — Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Chamou minha

atenção positivamente em algumas empresas a uso da lógica de "Transição" na definição das metas, uma abordagem um pouco mais sofisticada.

Stakeholders no coração da gestão

O entendimento de que a empresa impacta e é impactada por diferentes públicos me parece absorvido. Saímos há anos do "Shareholder Value" para o "Stakeholder Value". Nos relatórios, todas abordaram as estratégias na cadeia de valor, incluindo projetos nas comunidades locais. Como temática, DEI — Diversidade, Equidade e Inclusão — segue no foco.

Liderança e governança

Não foi muito mencionado nas cartas dos CEOs ou Conselhos, que geralmente abrem os relatórios, o valor agregado da pauta ESG para os negócios. Que oportunidade perdida de reforçar que essas questões integram a visão da alta liderança... Também foi menor do que eu esperava a existência de comitês ESG de assessoramento ao conselho de administração. A maioria desses colegiados ainda está só no âmbito executivo. Sem uma estrutura de apoio focada em

ESG, o conselho correrá sérios riscos de deixar de lado temas cruciais para a perenidade da organização.

A conclusão a que chego ao final desse rico processo de análise ESG no Valor 1000 confirma o que verifico no dia a dia: temos um setor privado engajado, que se dedica a implementar as melhores práticas, se desafia e quer mais. E as empresas do Valor 1000 estão fazendo muito bem a lição de casa. Trata-se de um universo privilegiado? Talvez. Mas não custa lembrar: sustentabilidade é sobre transformação de modelo de mundo, de pensamento, comportamento, consumo e operação de negócios. Por isso, não depende de setor ou tamanho de empresa. É uma questão de visão estratégica.

Sonia Consiglio é SDC Pioneer pelo Pacto Global da ONU e especialista em sustentabilidade

E-mail
soniafavaretto@hotmail.com/texto

Este artigo reflete as opiniões do autor, e não do jornal Valor Econômico. O jornal não se responsabiliza e nem pode ser responsabilizado pelas informações acima ou por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso destas informações.

Modelo de seleção de ações do Goldman desafia premissas ESG

Vibra e Opet têm prazo ampliado para acordo sobre aluguel

ESG no Valor 1000: destaques e desafios

ESG no Valor 1000: destaques e desafios

Resumo: O crédito privado brasileiro continua a apresentar fortes distorções estruturais, com uma concentração excessiva em setores de baixo risco e uma falta de diversidade no portfólio de crédito. Isso pode levar a uma menor resiliência do sistema financeiro em caso de crises futuras.

Por: [Nome do autor]

Apesar de a crise do crédito privado brasileiro ter sido superada, o sistema financeiro continua a apresentar fortes distorções estruturais. Isso pode levar a uma menor resiliência do sistema financeiro em caso de crises futuras.

ESG no Valor 1000: O que isso significa? [Nome do autor]

Por: [Nome do autor]

ESG no Valor 1000. O que isso significa?

Palavra do gestor



Sonia Consiglio

Nos meus tempos de executiva, eu brincava dizendo que vivia correndo atrás de CFOs e DRIs para engajá-los nos temas ESG. Brincadeira séria. Afinal, só mudaremos o funcionamento tradicional do mercado, baseado em resultados apenas econômico-financeiros, a partir dos próprios agentes de mercado; só se muda o "mainstream" com o envolvimento do "mainstream".

Por isso, a inclusão de critérios ESG na avaliação das melhores empresas do consagrado anuário **Valor 1000** é de importância capital, estrutural e transformacional. Tive a honra de novamente fazer parte do Comitê ESG Valor/FGVcef, com mais sete colegas do meio. Nossa tarefa era julgar nesses quesitos as três mais bem ranqueadas nos 26 setores por seis critérios contábeis e financeiros. O nosso resultado correspondeu a uma nota de 0 a 30 pontos na nota final, ou seja, o peso das questões ambientais, sociais e de governança foi de 30%, nada desprezível.

Vamos falar de outra forma: para ser considerada a campeã em seu setor, não bastava à candidata performar bem em receitas, despesas, margens, dívidas. Ela tinha que ser também um exemplo em estratégias e práticas ESG. São esses dois mundos, afinal, se encontrando.

Fatos e dados mostram que a convergência entre fatores econômico-financeiros e a agenda ESG não só é inevitável, como está acontecendo, e pelas mãos dos CEOs. A pesquisa "KPMG 2022 CEO Outlook", realizada com mais de 1.300 CEOs de diversos países e setores, traz informações que reforçam essa visão:

- 45% dos CEOs entrevistados concordam que os programas ESG aumentam a performance financeira (37% em 2021);
 - 69% percebem demanda das partes interessadas por mais relatórios e transparência sobre as questões ESG (58% em 2021);
 - 72% acreditam que o escrutínio sobre a agenda ESG continuará a acelerar (62% em 2021).
- A conclusão da pesquisa merece ser enquadrada: "ESG

saiu do 'nice to have' para se integrar ao sucesso financeiro de longo prazo". Mas há outro input do estudo que quero destacar. Jane Lawrie, líder para assuntos corporativos da KPMG, afirmou: "À medida que os CEOs agem para proteger seus negócios de uma recessão iminente, os esforços ESG estão ficando sob crescente pressão financeira". Lido assim, separadamente do contexto, a notícia é ruim, e chegou a circular na mídia e em vários grupos dessa forma, infelizmente. Porém, a mensagem continuava:

"Mas a perspectiva do CEO confirma que ESG se tornou um imperativo intrínseco dos negócios, impactando resiliência financeira, crescimento e expectativas das partes interessadas".

Para começar essa reflexão, pergunto: quando os líderes se veem pressionados por uma recessão, não são os esforços ESG ficarão na berlinda, certo? O que precisamos ter em mente é a direção, que foi colocada inequivocamente na pesquisa: "... A perspectiva do CEO confirma que ESG se tornou um imperativo intrínseco dos

negócios". Ou seja, se sabemos para onde vamos, tudo bem mudar de estrada, reduzir a marcha e até parar no acostamento em algum momento. Mas a viagem seguirá.

Essa jornada pela integração de questões ESG ficou patente no anuário e na sua cerimônia de premiação. Cada vencedora que era chamada ao palco tinha, claro, suas credenciais de negócios destacadas pelo apresentador, mas também eram elencados os seus diferenciais ambientais, sociais e de governança.

A leitura do **Valor 1000** é uma aula de Brasil. Mergulhamos em estratégias, desafios, percalços, soluções. E nos deparamos com depoimentos emblemáticos de CEOs, como esses: "Sabemos que ESG é importante para a perenidade do nosso negócio" — Marcílio Pousada, CEO da Raia Drogasil; "Nosso produto, hoje, é ESG. Um modelo de negócio vencedor requer uma preocupação genuína com essa agenda" — Virgílio Gibbon, CEO da Afya.

Em relação a 2024, de acordo com o artigo de professores da EAESP/FGV e coordenadores do

FGVcef — Centro de Estudos em Finanças da FGV/SP publicado no **Valor 1000**, seguiremos neste caminho: "(...) Temas como ESG, inteligência artificial e trabalho remoto seguem relevantes e presentes na gestão empresarial".

Trabalho por um mundo que não precise mais usar a sigla ESG porque os fatores ambientais, sociais e de governança estão plenamente incorporados na sua lógica de funcionamento. Mas essa é uma mudança de modelo profunda e que leva tempo. Até lá, temos que ser intencionais e promover a integração ESG nos círculos, instrumentos e veículos tradicionais. E o **Valor 1000**, ao seguir privilegiando essa agenda, dá um sinal potente às empresas, ao mercado e ao Brasil.

Sonia Consiglio é SDG Pioneer pelo Pacto Global da ONU e especialista em sustentabilidade.
E-mail: soniafavaretto@hotmail.com

Este artigo reflete as opiniões do autor, e não do jornal Valor Econômico. O jornal não se responsabiliza e nem pode ser responsabilizado pelas informações acima ou por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso destas informações.

O poder dos bancos na agenda ESG

Palavra do gestor



Sonia Consiglio

Quando li essa declaração na matéria “Bancos estão engajados com transição verde”, no Valor, em maio de 2022, não me surpreendi: “As prioridades das instituições financeiras brasileiras são as mesmas que temos em Londres. Há um compromisso real dos bancos brasileiros de adotar essa agenda, de colocar dinheiro em finanças sustentáveis” — Vincent Keaveny, então prefeito da City Londrina, centro financeiro de Londres.

Pano rápido para 2023, a Febraban, Federação Brasileira de Bancos, anuncia uma autorregulação que estabelece que, a partir de 2026, os bancos só poderão conceder empréstimo a frigoríficos e matadouros que comprovem que não compram gado de áreas desmatadas ilegalmente, na Amazônia e no Maranhão. A adesão é voluntária, mas, de partida, 21 já se comprometeram. Novamente, nenhuma surpresa.

O sistema financeiro tem papel fundamental na implementação da agenda ESG ou, como costume dizer,

nesse novo modelo de mundo que estamos construindo, onde fatores ambientais, sociais e de governança têm tanta importância quanto os econômicos. Bancos são intermediários, viabilizadores, financiadores; estimulam um caminho ou outro.

Por que esses fatos não me surpreenderam? Porque minha carreira executiva se deu no setor financeiro. Fui diretora de sustentabilidade da Febraban, paralelamente às posições no BankBoston e Itaú, quando, por exemplo, começamos a analisar o Protocolo Verde para bancos privados. Era tudo efervescente nos temas socioambientais; estávamos tentando entender esse novo contexto, seus contornos e implicações. Mas as instituições financeiras nunca se furtaram a participar do debate e, mais do que isso, a serem protagonistas.

Nessa jornada, há marcos mundiais, como o lançamento da Task Force on Climate-related Financial Disclosures (TCFD), em 2015, no âmbito do G20 e FSB, para promover o reporte de riscos e oportunidades ligados a clima; a Net-Zero Banking

Alliance, da ONU, em que os bancos se comprometem com portfólios de crédito neutros em carbono até 2050; a Finance in Common, declaração conjunta de bancos de desenvolvimento em prol da economia verde; e o Network for Greening the Financial System (NGFS), liderado por bancos centrais, com foco na integração de riscos climáticos nas análises de portfólio e testes de estresse.

Nosso banco central foi pioneiro com o lançamento da Resolução 4.327, em 2014, contendo diretrizes para uma política de responsabilidade socioambiental nos negócios e relações com clientes. Ela foi anunciada na histórica Rio+20, em 2012. Depois disso, várias outras normativas já foram lançadas pelo BC.

Essas iniciativas são 100% bem-sucedidas? Claro que não. Há muito debate, curva de aprendizado, idas e vindas e voltas no quarteirão. Não se avança em algo tão profundo em linha reta e rapidamente. Mas há movimento, e isso é o mais relevante.

Uma das discussões de fundo é o quanto faz parte do mandato

de um banco central considerar aspectos relacionados a mudanças climáticas. Os críticos dizem que, ao assumir novas tarefas, os banqueiros correm o risco de dedicar menos tempo a garantir a estabilidade do poder de compra das moedas, seu “core”. Não há resposta completamente certa; há nuances, pontos de vista e perspectivas. Por isso, prefiro observar o macro contexto e a direção que se anuncia no horizonte.

Quando vemos que o Banco Central Europeu (BCE) integrou risco climático em suas análises e projeções macroeconômicas, é preciso parar e prestar atenção. A presidente do BCE, Christine Lagarde, reconheceu em evento do Banco Internacional de Compensações (BIS), no ano passado, que este não é exatamente o mandato do BCE, mas ponderou que são pontos que devem ser implementados. Em declaração à mesma época, o presidente do Banco Central do Brasil, Roberto Campos Neto, disse que prefere correr o risco de extrapolar o mandato original a deixar de fazer algo que é necessário. Palmas de pé.

As mudanças climáticas e seus efeitos são algo tão sério que ganhou um nome: Green Swan — Cisne Verde, evento com potencial extremamente perturbador do ponto de vista financeiro causado por mudanças climáticas. O termo foi cunhado em relatório do BIS em janeiro de 2020.

A autorregulação da Febraban exemplifica o movimento estrutural e estruturante que as questões ESG vêm promovendo no mercado. Não há caminho de volta. O que diferenciaria um profissional, empresa ou cidadão nesse maravilhoso e necessário mundo novo é a rapidez com que conseguirá ler cenários e atuar nele. De preferência, sem cisnes verdes no lago.

Sonia Consiglio é SDG Pioneer pelo Pacto Global da ONU e especialista em sustentabilidade

E-mail soniafavaretto@hotmail.com

Este artigo reflete as opiniões do autor, e não do jornal Valor Econômico. O jornal não se responsabiliza e nem pode ser responsabilizado pelas informações acima ou por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso destas informações.

Fed e dólar elevam fluxo a emergentes, avalia BTG



Empiricus vê receita mais diversa com apelo para risco

Empiricus vê receita mais diversa com apelo para risco

O poder dos bancos na agenda ESG



Múltiplas crises dão o tom do relatório de Davos



Múltiplas crises dão o tom do relatório de Davos

Palavra do gestor

Sonia Consiglio



"Nosso 'novo normal' é um retorno ao básico — alimentação, energia, segurança — problemas que nosso mundo globalizado pensava que estavam numa trajetória de solução." Esta é uma das mensagens do 18º Relatório de Riscos Globais, publicado anualmente pelo Fórum Econômico Mundial como base para as discussões do encontro de Davos, que está acontecendo esta semana. O relatório traz a visão de mais de 1.200 especialistas em risco

global, formuladores de políticas e líderes da indústria.

Era esperado que a covid-19 e a invasão da Ucrânia pela Rússia dominassem esta edição, mas o recado de que ameaças que pensávamos ter controlado estão retornando ao cenário sem dúvida dá uma sensação de retrocesso, quando tanto precisamos avançar.

Esses riscos, considerados de curto prazo (dois anos), tendem a prejudicar os esforços para solucionar os de longo prazo (dez anos), especialmente os relacionados a mudança climática, biodiversidade e capital humano. Esta conclusão comprova uma realidade que já estamos vivendo há algum tempo, definida no documento como a "lacuna entre o que é cientificamente necessário e politicamente palatável". Desafio de gente grande em um mundo volátil.

Uma consequência das tensões geoeconômicas é resumida em outra mensagem capital: estamos vivendo uma "poli-crise", ou "múltiplas crises", definida pelos autores como "um aglomerado de riscos globais presentes e

futuros profundamente interconectados com impactos combinados e consequências imprevisíveis". Pois é... os líderes serão mais do que nunca testados em sua capacidade de resposta e flexibilidade.

Indo para a lista em si, "crise de custo de vida" é o primeiro risco no curto prazo e "falha na mitigação e na adaptação à mudança climática" são as maiores preocupações no longo prazo. Segundo Saadia Zahidi, diretora executiva do fórum, "o cenário de curto prazo é dominado por energia, alimentos, dívida e desastres. Mas o desenvolvimento climático e humano deve estar no centro das preocupações dos líderes globais, mesmo enquanto eles combatem as crises atuais".

Como eu imaginava, "migração involuntária em larga escala" entrou na lista dos dez riscos de curto prazo, principalmente como efeito da guerra na Europa. A última vez que figurou no Top 10 foi em 2017. O que saiu do radar foi "doenças infecciosas", que no ano passado ocupou a sexta posição no longo prazo.

Medo. Espero que tenhamos aprendido com a terrível covid-19 e não releguemos a segundo plano a vigilância em relação a pandemias.

Na dimensão ambiental, o fórum dividiu o risco "falha na ação climática" em dois: "falha na mitigação da mudança climática" e "falha na adaptação à mudança climática". O que podemos entender disso? Que temos que ser mais específicos ao falar desses temas e, mais do que nunca, investir numa redução efetiva da emissão de gases de efeito estufa, pois a janela de oportunidade para agir está se fechando. Mas ainda temos como aproveitar a brecha de sol. Uma mensagem positiva vem de John Scott, chefe de risco de sustentabilidade do Zurich Insurance Group: "Se acelerarmos a ação, ainda existe uma oportunidade, no final da década, de alcançar uma trajetória de 1,5 °C. O recente avanço na implantação de tecnologias de energia renovável e veículos elétricos nos fornecem bons motivos para sermos otimistas".

Outro conteúdo rico é a visão por país. A partir de uma

lista de 35 fatores, 12 mil pessoas responderam à pergunta: "Quais os cinco riscos mais ameaçadores para o seu país nos próximos dois anos?" A resposta brasileira focou em questões econômicas, geopolíticas e social: 1. Inflação rápida e/ou sustentada; 2. Proliferação de atividade econômica ilícita; 3. Confronto geoeconômico; 4. Choques graves nos preços de commodities; 5. Desemprego e crises de subsistência. Como vemos, riscos ambientais ficaram de fora desse nosso olhar de curto prazo, o que me preocupa.

A pergunta que encerra o relatório é: "Podemos nos preparar para tudo isso?" A resposta passa por quatro caminhos: 1. Fortalecer a identificação e previsão de riscos; 2. Recalibrar o valor presente de riscos futuros; 3. Investir em prontidão para riscos transversais e em várias frentes; e 4. Fortalecer a prontidão e a resposta em cooperação.

Cooperação... Este é o tema de Davos deste ano: "cooperação em um mundo fragmentado". Com a palavra, o fundador e presidente executivo do fórum, Klaus

Schwab: "Ao mesmo tempo em que precisamos reforçar a cooperação entre o governo e os setores empresariais, deve haver o reconhecimento de que o desenvolvimento econômico precisa ser mais resiliente, mais sustentável e ninguém deve ser deixado para trás."

Ver nessa sua convocatória uma das premissas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), "Não deixar ninguém para trás", muito me motiva. Saber que os líderes estão nesta semana debatendo o estado do mundo sob esse olhar é alentador. Aliás... acho que chegou a hora de rebatizar o Fórum Econômico Mundial. Não é só econômico há muito tempo. Que venham dos Alpes Suíços boas notícias.

Sonia Consiglio é SDG Pioneer pelo Pacto Global da ONU e especialista em sustentabilidade
E-mail soniafavaretto@hotmail.com

Este artigo reflete as opiniões do autor, e não do jornal Valor Econômico. O jornal não se responsabiliza e nem pode ser responsabilizado pelas informações acima ou por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso destas informações.

Indicações destacam ações mais defensivas

Carteira Valor Investe de 2023 e do Valor Investe de 2022

Ilanests faz acordo de seguros com Zurich



Feliz 2030!

Palavra do gestor

Sonia Consiglio

0

Feliz 2030!

Palavra do gestor

Sonia Consiglio



O ano de 2023 chega avisando que faltam apenas sete anos para atingirmos os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), aprovados em 2015 por todos os países-membros da ONU. Estamos na chamada “Década da Ação”, e dela já se passaram três. O que podemos esperar deste novo ano em relação à agenda de desenvolvimento sustentável? Vou arriscar alguns palpites.

Em 11 de janeiro será lançado o Relatório de Riscos Globais 2023 do Fórum Econômico Mundial, documento que

relaciona os principais riscos para os negócios na próxima década e serve de base para os encontros de Davos. Os riscos ambientais e sociais vêm dominando o Top 5 nos últimos três anos, e não deverá ser diferente agora. Neste contexto, uma boa notícia que veio da COP15, em dezembro de 2022, foi a aprovação do Marco Global da Biodiversidade Kunming-Montreal. Entre protestos e aplausos, os países signatários estabeleceram 23 metas e a 3 é a mais citada: preservar 30% de áreas terrestres e 30% de regiões costeiras e marinhas até 2030.

Talvez o marco influencie na posição do risco “Perda da Biodiversidade”. Ele pulou de 5º lugar para 3º de 2021 para 2022, ou seja, no ano passado era o terceiro risco mais severo. Mesmo assim, deverá permanecer entre os cinco primeiros, e não por acaso. Segundo o Fórum Econômico Mundial, US\$ 44 trilhões de geração de valor econômico são moderada ou altamente dependentes da natureza. E, segundo a Moody’s Investors Service, US\$ 1,9 trilhão é a quantia que está em jogo

quando se mede o impacto da natureza nos negócios.

No final de 2022, a União Europeia, parecendo estar “ticando” sua lista de pendências, aprovou duas medidas muito importantes: o Mecanismo de Ajuste de Carbono na Fronteira (CBAM, que sobretaxará produtos conforme a intensidade de carbono na produção) e a não importação de produtos que venham de terras desmatadas de forma legal ou ilegal. Esses anúncios, também cercados de críticas e elogios, indicam que 2023 trará um incremento em mecanismos de mercado, taxonomias, regulações e autorregulações ESG.

Infelizmente, não há como prever o fim da guerra entre Rússia e Ucrânia e, portanto, os desafios relacionados à energia seguirão, além dos tristes movimentos de migração involuntária. Esse, aliás, é um risco mapeado pelo Fórum Econômico Mundial que pode ganhar mais destaque no relatório deste ano. A última vez que figurou no Top 5 foi em 2017.

A pandemia parece ter nos dado uma trégua, mas seria no mínimo imprudência arriscar algo nesta seara para 2023. Trago,

então, um dado para ficarmos atentos. Segundo o relatório “10 Novos Insights na Ciência Climática — 2022”, produzido por 57 cientistas do mundo todo, a pedido de organizações da sociedade civil, um dos 10 achados é: “Novas Ameaças no horizonte da interação clima-saúde”. O documento aponta que os surtos de doenças infecciosas tendem a aumentar devido às mudanças climáticas, especialmente as transmitidas pela água. Outros fatores desencadeantes: mudanças no uso da terra, urbanização, calor extremo, seca, incêndios florestais, inundação.

Um movimento que veio forte em 2022 e deverá se manter de forma localizada em 2023 é o “AntiESG”. O questionamento sobre o real valor da agenda socioambiental e de governança para os negócios não prosperou a ponto de ameaçar o seu avanço, o que só reforça a transformação profunda que estamos vivendo de modelo de mundo. Em alguns momentos, poderemos ter que pausar algumas iniciativas e rever planos, mas não vislumbro maiores preocupações. Até porque... temos mais coisas com que nos preocupar, não é mesmo?

O que vem fazendo toda a diferença e continuará em destaque são as lideranças. Os presidentes de empresas e conselheiros já entenderam os riscos e oportunidades valiosas em torno da pauta ESG e seu comprometimento promoverá cada vez mais mudanças estruturais e estruturantes nas empresas.

Seguiremos falando de diversidade nos times executivos e pode ganhar espaço a inclusão de jovens em conselhos de administração. Essa é uma das 4 tendências do estudo “Boards: stepping up as stewards os Sustainability”, desenvolvido pela consultoria de liderança EgonZehnder: “Desafiar mentalidades por meio da diversidade de idade e gênero — trazer a perspectiva das novas gerações para os conselhos, mesmo que sejam necessárias sessões iniciais de mentoria e treinamentos”.

Falando de Brasil, começamos em 2023 o período de quatro anos de uma nova condução política. Quando perguntada a respeito, sempre digo: que os líderes atuais do nosso país tenham a sabedoria de preservar os avanços feitos, que corrijam o

que não funcionou e avancem ainda mais. Afinal, quando se trata da agenda ESG, tudo o que fizermos será lento e em menor volume do que o necessário, pois os desafios são imensos.

Para encerrar esse primeiro artigo de um novo ciclo, quero propor uma reflexão: feche os olhos agora e se imagine em 2030. Pense em uma grande realização que gostaria de ter naquele ano e que trabalhará muito por ela. Me arrisco a dizer que acontecerá. Talvez não na completude, mas sem dúvida você atingirá boa parte do que almeja. Se isso pode ser verdade no âmbito individual, o que não é possível alcançar com uma mobilização mundial genuína e compromissada, rumo a um desenvolvimento de fato sustentável? Ou seja... feliz 2030!

Sonia Consiglio é SDG Pioneer pelo Pacto Global da ONU e especialista em sustentabilidade

E-mail soniafavaretto@hotmail.com

Este artigo reflete as opiniões do autor, e não do jornal Valor Econômico. O jornal não se responsabiliza e nem pode ser responsabilizado pelas informações acima ou por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso destas informações.

AntiESG ou pró-ESG? Não é essa a questão

Palavra do gestor

Sonia Consiglio



Uma das referências que uso em minhas palestras e aulas para ampliar o entendimento sobre o que, de fato, a agenda ESG representa é a comparação com a Qualidade Total dos anos 90. Quem viveu, sabe. Fomos bombardeados com os conceitos dessa cultura japonesa. As empresas tinham áreas de 80, 100 pessoas dedicadas ao tema.

E eu pergunto: onde estão essas áreas hoje? Naquele modelo, sumiram, porque qualidade se tornou parte intrínseca de produtos e serviços.

Ou tem ou não se coloca no mercado. Foi necessário, no entanto, um período de aprendizado para que essa lógica fosse incorporada aos negócios, dada a constatação do seu valor. Acredito que com as questões socioambientais iremos na mesma linha, mas com uma complexidade um pouco maior.

Complexidade essa bem explicada na frase que Al Gore, ex-vice-presidente dos Estados Unidos, disse em uma live em 2021: "O mundo caminha para a revolução da sustentabilidade, uma revolução na magnitude da revolução industrial, mas na velocidade da revolução digital". E eu pergunto de novo: algo dessa proporção se dará de forma suave, rápida e em linha reta? Jamais.

Trata-se, na verdade, de uma jornada. É uma maratona, e não uma corrida de 100 metros. E, há cerca de três anos, estamos presenciando um momento muito especial desse caminho, com maior visibilidade e interesse dos mais variados stakeholders pela sustentabilidade. Momento esse que tanto esperamos (#vivipraver!).

E eis que... começa a pipocar uma onda "antiESG". Confesso que meu primeiro sentimento é de cansaço total. Como assim? Logo agora que avançamos de forma estrutural, que as altas lideranças se envolveram, que as áreas "core", como finanças, compreenderam os riscos e as oportunidades dos fatores socioambientais? Pois é, logo agora. Mas, após várias leituras e análises, vejo que essa onda, paradoxalmente, mostra a pujança do que está sendo construído. Mas não podemos diminuir nossa atenção e atuação para colocar as coisas nos seus devidos lugares.

Quando se entende profundamente por que devemos incluir as dimensões social, ambiental e de governança no atual padrão econômico, fica óbvio que não se trata de ser "anti" ou "pró" ESG. Estamos falando em investir numa economia circular e de baixo carbono, promover uma sociedade justa e plural, zelar pelas melhores práticas de governança. Trata-se, isso sim, da construção de um novo modelo de mundo, que passa por novos padrões de comportamento,

consumo, pensamentos e, consequentemente, de uma nova forma de fazer negócios. A sigla ESG é apenas uma representação didática desse inexorável contexto. Portanto, não é algo que deve ser combatido ou defendido.

Quando algo me desafia, provoca ou indigna, além de me informar, busco ouvir as pessoas que respeito. Por isso, encerro com a opinião de quatro profissionais que são referência na temática ESG e que, com sua bagagem, competência e lucidez, podem jogar a necessária luz nessa discussão:

Fábio Barbosa, presidente da Natura&Co: "Esses movimentos que contestam o ESG servem para abrir nossos olhos e ajustarmos possíveis distorções que de fato existam e nos aprimorarmos. Quanto mais esses movimentos martelam contra ESG, parece que mais energia eu acumulo para seguir na luta".

Carlos Nobre, pesquisador do IEA-USP: "Não é surpresa o surgimento de um movimento de setores economicamente poderosos do mundo global de negócios contra a necessária

implementação acelerada do conceito do ESG em todo o mundo empresarial. Estão associados a movimentos políticos anticência e que não se importam com a construção de uma sociedade igualitária. Pretendem manter crescente a desigualdade de renda e vastas classes pobres e miseráveis, semiescravidão destes super ricos. É hora de mostrar todos os benefícios do ESG na construção de um futuro sustentável para o planeta, com maior justiça social e econômica e combatendo a emergência climática, protegendo a biodiversidade e as comunidades indígenas e tradicionais em todo o planeta".

Glaucia Terreo, consultora ESG na Walk4Good: "Trabalhando nesta área há alguns anos, aprendi que não tem como ter 100% de certeza em muitas coisas. Contrapontos são sempre bem-vindos por enriquecerem as discussões, desde que fundamentados com fatos, dados e ciência. Entendo que o antiESG tem várias origens, e quero focar em duas: a dos que querem manter o 'status quo', pois lucram neste cenário e não

percebem os benefícios dele na gestão da organização, e a dos que são excessivamente contra o sistema, acham que tudo é 'greenwashing' e não veem o ESG como um movimento de transição do capitalismo vigente para um outro mais consciente".

Carlo Pereira, CEO da Rede Brasil do Pacto Global da ONU: "Críticas são importantes para o crescimento e amadurecimento. No entanto, estamos vendo um movimento protecionista e reacionário, sem nenhuma chance de prosperar. O crescente impacto da crise climática, o advento de novas tecnologias e as novas gerações fazem inevitável a transição para uma sociedade regenerativa, justa e íntegra".

Sonia Consiglio é SDG Pioneer pelo Pacto Global da ONU e especialista em sustentabilidade

E-mail soniafavaretto@hotmail.com

Este artigo reflete as opiniões do autor, e não do jornal Valor Econômico. O jornal não se responsabiliza e nem pode ser responsabilizado pelas informações acima ou por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso destas informações.



Ninguém dorme e acorda sustentável

Palavra do gestor

Sonia Consiglio



Gosto da expressão “lugar de fala”, afinal, é muito importante entender a realidade e experiência de quem emite uma mensagem, pois elas influenciam o discurso. É, portanto, do meu lugar de fala que escrevo este artigo sobre os movimentos de sustentabilidade propostos por Anbima, Banco Central, B3 e CVM: tenho uma carreira executiva de mais de vinte anos no mercado financeiro e de capitais estruturando áreas de sustentabilidade e

atuo hoje como conselheira de administração, entre outras atividades relacionadas ao tão famoso ESG.

Antes, vamos ao contexto. Vivemos um momento de mudança de modelo de mundo, pressionados por crises climáticas, sociais, de governança e econômicas. Em decorrência, presenciamos alterações estruturais pautadas pela sustentabilidade. Exemplos: foi aprovado na COP26, em dezembro de 2021, o mercado global de carbono; a União Europeia vem anunciando medidas para descarbonizar sua economia com impactos na cadeia global de clientes e fornecedores; foi validado no Senado americano um pacote de investimento de US\$ 430 bilhões para combate às mudanças climáticas.

Na esteira de tantos acontecimentos, surgem as regulações e autorregulações. O desenvolvimento desses arcabouços é desafio que desconhece geografia e o cenário internacional está progredindo de forma dinâmica. E o Brasil? Considero que

estamos dentro desse jogo. Na retranca ou no ataque, depende da opinião do comentarista. Mas, certamente, jogando.

Olhando para esses quatro atores nacionais, o Banco Central saiu na frente. Na Rio+20, em 2012, comunicou a criação da Resolução 4.327 para implementação da Política de Responsabilidade Socioambiental (PRSA), considerada um benchmark mundial. Em 2021, deu novos passos, como o lançamento de resoluções sobre gerenciamento de riscos sociais, climáticos e ambientais. Neste caminho, não vi nenhuma grande reação negativa. Se houve, foi localizada e acabou sendo diluída pela incorporação das propostas pelo mercado.

No ano passado, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) publicou a Resolução 59, que alterou as Instruções 480 e 481. No tocante a ESG, as empresas deverão passar a reportar, no modelo “relate ou explique”, informações como matriz de materialidade, emissões de gases de efeito estufa, riscos

sociais, ambientais e climáticos e diversidade. Neste caso, houve mais críticas, na linha de que a CVM estava sendo tímida e que a norma deveria ser mais prescritiva.

Recentemente, dois fatos vêm despertando paixões. Um deles é o lançamento das regras da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima) para identificação de fundos sustentáveis. A entidade definiu, após detalhado trabalho a várias mãos e cabeças, quando um fundo pode ser considerado de “investimento sustentável” ou de “integração ESG”, as duas categorias criadas. A iniciativa foi aplaudida por uns, como eu, e criticada fortemente por outros, com palavras como “retrocesso” e “desserviço”, seja porque a barra estaria baixa e/ou pelos critérios das qualificações. De partida, a Anbima disse que era um processo de aprendizado, dado seu ineditismo, e que está aberta a fazer os ajustes que se mostrarem necessários.

Outro foco de fortes críticas é a recém-anunciada proposta da B3 para companhias listadas

em modelo “relate ou explique”. Ela inclui quantidade de mulheres e membros de grupos minorizados em conselhos de administração e diretoria estatutária e inclusão de critérios ESG na remuneração variável. Os argumentos são de que as medidas (que estão em audiência pública até 16 de setembro) deveriam ser mais rígidas e não estimularão o avanço na velocidade necessária.

Volto ao meu “lugar de fala” para comentar esses fatos. Não há dúvidas sobre a urgência dos temas ESG. Sabemos todos e todas que não temos tempo a perder e precisamos correr, e muito. Mas entre o ideal e o real há um caminho nem sempre simples a ser percorrido. Quem está na linha de frente sabe como é. Várias vezes entrei na sala de um CEO com uma proposta absolutamente relevante e voltei para a área com ela embaixo do braço, tendo que encontrar energia para não desanimar a equipe. Como lidei? Refleti, revi, ajustei, mexi, repautei em outra ocasião. Em geral, consegui avançar, não da forma original, mas da possível para o momento.

Na minha opinião, “na força não vai”. Claro que é preciso haver contrapontos, críticas e sugestões, porque nem sempre conseguimos ver os variados ângulos de uma questão, ainda mais quando estamos envolvidos. Lembro com apreço das ocasiões em que mudei de ideia a partir da colocação de outra pessoa. Mas lembro também de dois fatores decisivos em todas elas: o respeito e a empatia ao que eu estava propondo. Encerro essa reflexão com uma frase que já vi creditada a Napoleão Bonaparte e D. Pedro II. Independentemente da autoria, ela resume bem a inexorável implementação da agenda ESG: “Vamos devagar, pois eu tenho pressa”.

Sonia Consiglio é SDG Pioneer pelo Pacto Global da ONU e especialista em Sustentabilidade

E-mail soniafavaretto@hotmail.com

Este artigo reflete as opiniões do autor, e não do jornal Valor Econômico. O jornal não se responsabiliza e nem pode ser responsabilizado pelas informações acima ou por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso destas informações.

Mercado de dívida tende a aquecer lá fora e atrair brasileiras



Galapagos Capital estreia operação nos Estados Unidos



Ninguém dorme e acorda sustentável





ESG demanda maior engajamento, diz Schroders



Natureza, pessoas e economia: a próxima fronteira do ESG



Natureza, pessoas e economia: a próxima fronteira do ESG

Palavra do gestor

Sonia Consiglio



"Todas as empresas dependem do capital natural e/ou o impactam de alguma forma. À medida que o mundo faz a transição para uma economia de baixo carbono, pedimos às empresas que demonstrem como estão minimizando seus impactos negativos e, idealmente, aumentando o estoque de capital natural do qual depende seu desempenho financeiro de longo prazo."

Esse pedido vem da maior gestora de recursos do mundo,

a BlackRock, com US\$ 10 trilhões sob gestão, que já entendeu a correlação entre natureza e negócios.

É isso. O modelo tradicional, que só olha as questões econômico-financeiras, está totalmente em xeque. A inclusão de variáveis sociais e ambientais na equação corporativa, além de ser a coisa certa a se fazer (é sempre bom lembrar), é questão de risco e retorno: não as considerar é temerário e, por outro lado, incluí-las na estratégia pode ser fator de diferenciação financeira, imagem e reputação, entre outros benefícios.

O Fórum Econômico Mundial, por exemplo, estima que US\$ 44 trilhões de geração de valor econômico, mais de 50% do PIB global, são moderada ou altamente dependentes da natureza. Mais: ações desse tipo podem gerar até US\$ 10,1 trilhões por ano em negócios e criar 395 milhões de empregos até 2030.

Sempre gosto de olhar as sinalizações das lideranças que, afinal, têm o poder de indicar caminhos e tomar decisões. Klaus Schwab, fundador

e presidente do Fórum Econômico Mundial, ao resumir as discussões de Davos do início do ano, incluiu a "preservação da biodiversidade" como uma das prioridades globais.

No último Relatório de Riscos Globais, publicado anualmente pelo Fórum, o risco "Perda da biodiversidade" é o terceiro no ranking dos mais severos para a próxima década, atrás de "Fracasso na ação climática" e "Eventos climáticos extremos". Notem: os três primeiros riscos no Top 5 são de ordem ambiental. Porém, numa análise no próprio relatório sobre os esforços mundiais para mitigação dos riscos, a preservação da biodiversidade conta com apenas 21% de iniciativas estabelecidas e 3% de efetivas. 67% se encontram em estágios iniciais e 10% não começaram. Ou seja, ainda estamos com poucos movimentos efetivos para um risco altamente importante.

Mas há movimentos. Destaco a Taskforce on Nature-related Financial Disclosures (TNFD), criada em 2020 no âmbito dos encontros de Davos. Essa iniciativa global tem a missão

de desenvolver uma estrutura de gerenciamento e divulgação para que as organizações relatem e atuem sobre os riscos e oportunidades relacionados ao capital natural. A TNFD reúne 34 membros de instituições financeiras, empresas e prestadores de serviços de mercado com US\$ 19,4 trilhões em ativos. Essa força-tarefa vem na mesma lógica da bem-sucedida TCFD — Task Force on Climate-related Financial Disclosures, hoje amplamente conhecida e adotada, inclusive pelo Banco Central brasileiro como reporte obrigatório para as nossas instituições financeiras.

Bom, frente a todos esses dados e sendo o Brasil considerado o país com maior biodiversidade do mundo, fica nítida a enorme oportunidade que temos, não é? Neste contexto, entram as Nature-based solutions (NBS), ou soluções baseadas na natureza, que, simplificando, são ações que atendam natureza, pessoas e economia. Estive no início de julho em Manaus para participar do "Nature-Based Solutions for

Climate Adaptation", workshop do IDFC — International Development Finance Club, e sai bem impressionada.

O IDFC, criado em 2019, reúne 27 bancos nacionais e regionais de desenvolvimento com mais de US\$ 4 trilhões de ativos que trabalham pela implementação dos ODS — Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e do Acordo de Paris. Trata-se de uma plataforma para promover e alavancar o desenvolvimento sustentável em todo o mundo. Ora, esta é, em essência, a missão desses bancos. E por isso foi tão inspirador vê-los discutindo com propriedade e profundidade como tornar atrativas e competitivas as soluções financeiras relacionadas à natureza. E isso tudo na Amazônia. Reflexivo, simbólico, forte.

Participaram representantes do Brasil, África do Sul, Alemanha, China, Colômbia, França, Itália, Japão, Turquia. Há muitos desafios nesta jornada. Elenquei alguns após ouvir todas as falas: taxonomia, compromissos, regulação, standards, metodologias,

parcerias, mobilização de recursos, novos modelos de negócios, conscientização, liderança. Todos esses elementos são fundamentais para endereçarmos um ponto crucial para as NBS: como dar escala a ótimos projetos que já acontecem ao redor do mundo.

Na abertura do evento, o presidente do BNDES, Gustavo Montezano, anfitrião do encontro, disse: "Os bancos de desenvolvimento têm a obrigação de fazer essa agenda acontecer". Sim, eles têm, Montezano. E fico animada em ter comprovado in loco, no coração do Brasil, que há empenho, disposição e ação para isso. Ganharão a natureza, as pessoas e a economia.

Sonia Consiglio é SDG Pioneer pelo Pacto Global da ONU e especialista em sustentabilidade. E-mail: soniafavaretto@otmail.com

Este artigo reflete as opiniões do autor, e não do jornal Valor Econômico. O jornal não se responsabiliza e nem pode ser responsabilizado pelas informações incorretas ou por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso destas informações.

Pandemia, guerra, mudanças climáticas. E aí, mundo?

Palavra do gestor

Sonia Consiglio



As lideranças podem fazer a diferença para alcançarmos a Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Recentemente, ouvi a frase: "A invasão da Ucrânia pela Rússia acabou com o coronavírus". A lógica era que, agora, as atenções estão todas voltadas para a guerra, fala-se menos na pandemia e parece que ela está arrefecendo. Esperamos que isso, de fato, seja um movimento definitivo,

que passemos a "conviver com o vírus", como costumam dizer. O que não podemos, de forma alguma, é fechar os olhos para todo o rastro de desigualdade social que a covid-19 gerou. Os números são estonteantes e afetam diretamente o atingimento dos ODS até 2030, que é a meta consensada por todos os países-membros da ONU em 2015.

O Relatório "A Desigualdade Mata", publicado pela ONG Oxfam em janeiro deste ano, não deixa dúvidas sobre como a pandemia aumentou ainda mais o abismo entre ricos e pobres.

Desde o início da covid-19, um novo bilionário surgiu no mundo a cada 26 horas. No Brasil, estima-se que tenhamos 55 bilionários, sendo 10 deles desde março de 2020.

A riqueza dos dez homens mais ricos dobrou, enquanto a renda de 99% da humanidade está pior.

Agora, contem comigo: 1, 2, 3, 4. Sabem o que ocorreu neste quarto segundo? Pelo menos uma pessoa morreu em algum lugar do globo em função da

desigualdade. Isso mesmo: uma morte a cada 4 segundos, pelo menos 21.300 por dia.

A questão de gênero ocupa papel especialmente preocupante neste contexto. Segundo o Global Gender Gap Report 2021, do Fórum Econômico Mundial, a pandemia atrasará em uma geração o tempo necessário para alcançarmos a igualdade de gênero: fomos de 59,5 anos (que já era impressionante!) para 135,6 anos em termos globais. O Brasil ocupa a 93ª posição entre 156 países, o penúltimo da região, na frente apenas da Guatemala. Não preciso me alongar em todas as consequências lamentáveis do lockdown para as mulheres, como por exemplo o aumento da violência doméstica e desemprego; elas têm sido amplamente noticiadas. E precisa ser assim. Dados da PNAD Continua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) indicam, por exemplo, que no último trimestre de 2021 havia 1,9 milhão de mulheres inativas a mais em relação ao final de 2019.

E aí vem a guerra na Ucrânia, para incredulidade e horror de todo o mundo. De acordo com a OIM - Organização Internacional para Migrações, mais de 2,8 milhões estão fugindo para países vizinhos e a estimativa é que 4 milhões (10% da população) partam nos próximos seis meses, dependendo da evolução dos fatos. Em fevereiro, antes do início do conflito, o Relatório de Riscos Globais 2022 do Fórum Econômico Mundial já indicava que "migração involuntária" era uma das maiores preocupações mundiais. Mais: o documento indicou quatro áreas de riscos emergentes, sendo "pressões migratórias" uma delas. As demais são: cibersegurança, competição no espaço e transição climática desordenada. Em 2020, havia mais de 34 milhões de pessoas deslocadas, um recorde. Infelizmente, parece que bateremos esse recorde em 2022.

Para piorar o cenário, temos as mudanças climáticas.

Causou grande impacto sobre mim esta conclusão do documento da ONU "Pobreza e Prosperidade Compartilhada": "A convergência da pandemia da covid-19 com as pressões dos conflitos e das mudanças climáticas deixará o objetivo da erradicação da pobreza até 2030 fora de alcance". Mas sigo uma eterna otimista. Temos ainda oito anos pela frente e um fato decisivamente importante no tabuleiro deste jogo: os líderes, que vieram definitivamente para a agenda ESG nos últimos dois anos, um dos efeitos benéficos deste vírus cruel.

Sim, há lideranças cometendo atrocidades e indo na contramão do senso humanitário. Mas há centenas de outras — comunitárias, empresariais, governamentais, da sociedade civil, cada um de nós... — que se alinham pelo melhor. Encerro essa reflexão com a frase de um desses formadores de opinião, Klaus Schwab, fundador e presidente executivo do Fórum Econômico Mundial,

ao resumir as discussões do encontro de Davos deste ano: "Neste momento crucial, vejo várias prioridades para a agenda global. Devemos continuar a lutar contra a pandemia global. Devemos revitalizar a economia global e acelerar sua transição para net zero. Devemos preservar a biodiversidade e devemos conhecer a lacuna entre ricos e pobres para alcançar um desenvolvimento global mais sustentável". Sempre teremos fatos inesperados que nos tirarão do rumo e atrasarão a caminhada. Mas acredito em nossa capacidade como mundo de reagir a eles.

Sonia Consiglio é SDG Pioneer pelo Pacto Global da ONU e especialista em Sustentabilidade. E-mail: soniafavaretto@otmail.com

Este artigo reflete as opiniões do autor, e não do jornal Valor Econômico. O jornal não se responsabiliza e nem pode ser responsabilizado pelas informações acima ou por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso destas informações.

Valor Investe

No ciclo de um ano de alta da Selic, renda fixa domina

Tesouro Direto volta a ganhar investidores

Desvalorização do dólar traz oportunidades

Pandemia, guerra, mudanças climáticas. E aí, mundo?

Investimentos em tecnologia e inovação são essenciais para a competitividade da empresa. Mercado positivo pode não durar



Riscos ambientais dominam o relatório de Davos (de novo)

Palavra do gestor
Sonia Consiglio Favaretto

Riscos ambientais dominam o relatório de Davos (de novo)

Palavra do gestor

Sonia Consiglio Favaretto



Todo ano, o Fórum Econômico Mundial publica o "Relatório de Riscos Globais – Global Risks Report", que mapeia as principais ameaças para o mundo e é base para as discussões do encontro de Davos. A recém-lançada 17ª edição, com a visão de 1.000 especialistas e líderes, sinaliza predominância dos riscos ambientais em todos os cenários de tempo: 0-2 anos, 2-5 anos, 5-10 anos e além de 10 anos. Neste último, dos cinco primeiros riscos, três são ambientais: 1. Fracasso na

ação climática; 2. Eventos climáticos extremos; 3. Perda da biodiversidade; 4. Erosão da coesão social; e 5. Crises de subsistência. Era esperado que a agenda social viesse forte esse ano em função da covid-19. Quando olhamos para o curto prazo, ela domina, invertendo a relação com o ambiental: nos próximos dois anos, dos cinco principais riscos, três são sociais: 1. Eventos climáticos extremos; 2. Crises de subsistência; 3. Fracasso na ação climática; 4. Erosão da coesão social; 5. Doenças infecciosas. Vale destacar que em 6º lugar surge pela primeira vez "deterioração da saúde mental". Resumindo os achados: quando pensamos anos à frente, o clima prevalece. Olhando para o aqui e agora, o destaque é no social. Uma reflexão e um aprendizado que tiramos desses dados à luz da pandemia é que um risco identificado só no longo prazo merece atenção. Antes de 2021, o tema "doenças infecciosas" só havia aparecido no Top 5 em 2015. E deu no que deu... Temos falado muito que o "S" do ESG tende a crescer em

importância nas agendas corporativas em função dos efeitos da pandemia. Os entrevistados do relatório corroboram isso: "Erosão da coesão social" é o item que mais piorou desde o início da covid-19, sendo uma ameaça crítica em todos os contextos de tempo. Em 31 dos 124 países pesquisados, é uma das maiores preocupações imediatas. Complementando com uma perspectiva local, o levantamento "Retrato da Sustentabilidade no Mercado de Capitais", realizado pela Anbima (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais) com 900 gestoras de mercado e divulgado em janeiro, mostrou que a pandemia mudou a percepção de risco das instituições: 70% das gestoras brasileiras ficaram mais atentas aos problemas sociais, 69% a questões epidemiológicas e 68% a problemas de saúde pública. O Relatório de Riscos Globais é rico em análises atuais e futuras e por isso deve estar embaixo do braço das lideranças das nossas empresas. Vejam, por exemplo, as cinco áreas de riscos

emergentes apontadas no documento: cibersegurança, competição no espaço, transição climática desordenada e pressões migratórias. Arrisco-me a dizer que, de uma forma ou de outra, sua organização tem esses fatores no radar, mas talvez com menos ênfase para "competição no espaço" e "pressões migratórias", confere? Afinal, à primeira vista parecem distantes e não materiais. Mas se pararmos para pensar que em 2020 havia mais de 34 milhões de pessoas deslocadas por causa de conflitos e que a estimativa é de 200 milhões até 2050 fica fácil entender que esse risco tem potencial gigantesco de impactar os negócios ao redor do mundo. Olhando para "competição no espaço", longe de ser tema de ficção, constatamos como crescem em número e diversidade os atores que operam nesse contexto, o que pode gerar atritos geopolíticos e militares. Segundo o relatório, 11 mil satélites foram lançados desde o Sputnik 1, em 1957, e mais 70 mil podem entrar em órbita. Precisamos ou não pensar nisso?

Pela primeira vez, foram mapeadas as cinco principais preocupações por país nos próximos dois anos com base na opinião de 12 mil líderes. No Brasil, foram 287 entrevistados. Esse é o nosso resultado: 1. Estagnação econômica prolongada; 2. Desemprego e crises de subsistência; 3. Desigualdade digital; 4. Dano ambiental causado pelo homem; 5. Geopolitização de recursos estratégicos. Questões ambientais e sociais aparecem na lista – que bom –, mas estamos mais preocupados com a economia e seus efeitos. Isso ocorre também em outros países, o que me remete a um dos alertas do documento: "As medidas de recuperação do pós-covid-19 estão negligenciando a transição verde em favor da estabilidade de curto prazo". Por fim, estamos pessimistas. Quando perguntados sobre como se sentem em relação ao futuro, apenas 12,1% se dizem positivos, e 3,7%, otimistas. Os demais se declaram preocupados ou muito preocupados. Em relação às perspectivas para os próximos três anos, apenas

10,7% dizem acreditar numa recuperação global acelerada. Nas demais respostas, as palavras citadas são: volatilidade, surpresas, resultados catastróficos, pontos críticos, vencedores e perdedores. Pois é... temos muito a refletir, planejar e, principalmente, agir. Como mensagem final, recorro a Carolina Klint, líder de gerenciamento de risco da Europa Continental na Marsh McLennan, uma das parceiras do relatório: "À medida que as empresas se recuperam da pandemia, estão aprimorando seu foco na resiliência organizacional e nas credenciais ESG". Boa indicação de caminho para 2022.

Sonia Consiglio Favaretto é SDG Pioneer pelo Pacto Global da ONU e especialista em sustentabilidade. E-mail: soniafavaretto@hotmail.com

Este artigo reflete as opiniões do autor, e não do jornal Valor Econômico. O jornal não se responsabiliza e nem pode ser responsabilizado pelas informações acima ou por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso destas informações.

Compliance e ESG: tudo a ver

Palavra do gestor

Sonia Consiglio Favaretto



Tenho usado muito a expressão "leitura de cenários" como uma habilidade fundamental para o líder que precisa se (re)posicionar nesse novo mundo que foi invadido pelo ESG (aspectos ambientais, sociais e de governança corporativa, na sigla em inglês). Nessas minhas leituras, percebo forte movimento dos profissionais de compliance querendo entender as conexões com ESG. Esses contextos se somam, se excluem, se fortalecem, competem? Primeiro, vamos ao conceito. "Compliance" vem do verbo

em inglês "to comply", que significa estar em conformidade com normas, leis, regulamentos, políticas e diretrizes. Essa é, portanto, a estrutura corporativa que zela por tudo isso e pelas relações éticas em negócios e instituições, explicitadas em códigos e princípios.

Para um melhor entendimento da dinâmica com ESG, é preciso que concordemos com o fato de que nenhuma função, atividade ou responsabilidade é estática. Por isso, tanto tem se falado do "beyond compliance", ou seja, de como essa atividade deve ir além do cumprimento de regras (que é, obviamente, absolutamente necessário).

Recentemente participei da "Semana de Compliance" de uma grande empresa brasileira, tendo a alegria de dividir o painel com a companheira de jornada e uma das referências em sustentabilidade, Clarissa Lins. No momento em que falávamos sobre esse "ir além", concluímos o que se espera desse/a profissional: "Influenciar discussões, antecipar tendências, ser protagonista dos movimentos

empresariais que estão por vir". Ela deve agregar análises críticas ao seu escopo de atender requisitos, considerando os aspectos ambientais e sociais, além dos de governança. De novo, habilidade de "leitura de cenários".

Falar é fácil. Mas como fazer tudo isso? Três dicas preciosas: formule boas perguntas, não se limite à sua caixinha e tenha "coragem corporativa", conceito de Jim Detert, que também palestrou na "Semana" e tem grande produção a respeito, incluindo o livro "Choosing Courage".

A 5ª Edição da Pesquisa "Maturidade do Compliance no Brasil - Beyond Compliance", recém-lançada pela KPMG e realizada com 55 empresas, traz dados interessantes. O título da introdução, "A nova responsabilidade corporativa: o que governança, compliance e ESG têm em comum", aponta de forma limpa: "No que se refere ao compliance, é inegável que o 'momento do ESG' não o substitui nem o torna anacrônico. Ao contrário: reafirma a sua importância e consolida sua necessidade para

que as empresas mitiguem riscos e criem valor, de modo que os profissionais de compliance devem estar atentos ao seu relevante papel de auxiliar os empregadores e terceiros também no que se refere ao ESG". E segue: "São muitos os pontos de intersecção entre compliance e ESG. O mais óbvio é o de que dividem premissas fundamentais, sendo impossível existir uma empresa com boas práticas de ESG que aceite se beneficiar de transações não ortodoxas (por exemplo: corrupção), abrir caminho para a discriminação em seus quadros ou tolerar o assédio, entre outros desvios de conduta". E eu sublinho a conclusão: "É impossível que se tenha um programa de ESG sem que exista um bom programa de compliance".

A pesquisa ainda nos ajuda com exemplos concretos de como casar essas duas agendas: as rotinas, ferramentas e metodologias utilizadas nos programas de compliance podem e devem auxiliar na construção de práticas ESG mais efetivas; o controle e verificação da gestão de fornecedores e prestadores de serviços feito por

compliance é central na agenda ESG; outro elemento crucial da gestão da sustentabilidade é a identificação e combate à corrupção, com atuação efetiva sobre as iniciativas internas.

Chamo a atenção para mais uma similaridade. Um dos principais desafios de compliance, segundo a pesquisa, é "integrar a área com as demais áreas de negócios", votado por 82% dos respondentes em quarto lugar. Ora, não é disso também que se queixa frequentemente, e há muito tempo, o pessoal da sustentabilidade? O que me leva a pensar que devemos, mais do que nunca e urgentemente, buscar a visão holística e transversal desses temas, incorporando-os de fato à estratégia e modelo de gestão e não os tratando como estruturas estanques.

Talvez a melhor forma de alcançarmos essa transversalidade, que abra mão de siglas e letras, seja tomarmos por base os ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU: 17 Objetivos, 169 Metas e 231 Indicadores de uma agenda consensada por todos os países-membros em 2015, a ser atingida até 2030, que

sinaliza os nossos basilares desafios como mundo. Está tudo lá: E (ambiental), S (social), G (governança), C (compliance), E (ética), I (integridade)... No bojo dessa nossa conversa, destaco o ODS 16: Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.

É disso que estamos falando, no fim do dia: de sociedades e instituições que funcionem na sua plenitude, cumprindo o seu papel e permitindo, de fato, um desenvolvimento sustentável. Por nós e pelos que virão depois de nós.

Sonia Consiglio Favaretto é SDG Pioneer pelo Pacto Global da ONU e especialista em sustentabilidade. E-mail: soniafavaretto@hotmail.com

Este artigo reflete as opiniões do autor, e não do jornal Valor Econômico. O jornal não se responsabiliza e nem pode ser responsabilizado pelas informações acima ou por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso destas informações.

O que primeira infância tem a ver com ESG?

Palavra do gestor

Sonia Consiglio Favaretto



'Issó é coisa para as futuras gerações. Preciso fechar negócios e ganhar dinheiro hoje. Os meus netos que lidem com o aquecimento global. As palavras podiam variar, mas certamente esse pensamento era um dos mais comuns quando as áreas de sustentabilidade começaram a ser estruturadas no Brasil, no início dos anos 2000. As pessoas não falavam abertamente, mas que pensavam... pensavam. Era quase como que se vivêssemos num "universo paralelo". Universo formado por pessoas que "não entendem do negócio. São sonhadoras, só

querem salvar o mundo".

O homem que vivemos do ESG ("sigla mais famosa das galáxias" atualmente) ajudou muito a mudar esse cenário, que bom.

A definição de desenvolvimento sustentável da ONU, que consta do icônico Relatório Brundtland — Nosso Futuro Comum, publicado em 1987, já trazia a preocupação com as futuras gerações.

"Desenvolvimento sustentável é aquele que satisfaz as necessidades da geração atual sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades." Esse olhar no hoje e no amanhã está na essência de tudo o que fazemos em sustentabilidade. Há alguns anos ainda era possível adiar algumas decisões. Não mais. O que vem ocorrendo, em grande velocidade e alto impacto, é a materialização dos riscos ESG no curto prazo. Não podemos mais "deixar que os nossos netos e netas resolvam o problema".

Há alguns fatos inspiradores nesse caminho. Um dos mais emblemáticos a meu ver ocorreu em abril, na Alemanha. Um grupo de ativistas jovens entrou na Justiça questionando a Lei de Proteção Climática aprovada em 2019. Vejam sob qual argumento: ela não

oferece condições para garantir o bem-estar das gerações mais novas e daquelas que vão nascer. Em uma decisão histórica, os juizes da mais alta corte alemã decidiram a favor dos jovens e o governo anunciou, menos de um mês depois, metas mais ambiciosas de corte de emissões de gases de efeito estufa. Olhem que movimento, que mudança! No hoje. Pelo hoje e pelo amanhã.

Mas precisamos acelerar. Estamos na "Década da Ação", rumo a 2030, ano em que faremos o balanço do atingimento dos ODS — Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, aprovados pelos países-membros da ONU em 2015. A tarefa já era hercúlea quando os objetivos foram lançados. Tornou-se ainda mais desafiadora com a pandemia. Só para mencionar um dado, a covid-19 atrasará em uma geração o tempo necessário para alcançarmos a igualdade de gênero: 135,6 anos contra 99,5 anos antes, em termos globais. Na América Latina, serão necessários 68,9 anos. O Brasil está em 93º lugar entre 156 países, o penúltimo da região, à frente apenas da Guatemala. A triste constatação

consta do Global Gender Gap Report 2021, do Fórum Econômico Mundial.

Seguindo na reflexão do hoje e amanhã, destaco uma abordagem que me chamou muito a atenção, posicionando as ações direcionadas à primeira infância entre os eixos das empresas em sustentabilidade. Tomei contato com esse conteúdo durante um webinar de que participei, em 24 de junho, organizado por Fiesp e United Way. Com o título "ESG e a Primeira Infância", foi o fórum de lançamento do guia "Empresas e Primeira Infância", iniciativa das duas organizações.

No site (empresaseprimerainfancia.com.br) que apresenta o trabalho, está descrito o objetivo da publicação: "Sensibilizar e mobilizar empresas para a importância do investimento na Primeira Infância para que possam melhorar ou ampliar suas próprias práticas e políticas a partir do seu público interno, clientes, fornecedores e comunidade. É uma causa social que:

- gera valor ao negócio;
- consolida a marca junto aos consumidores, prestadores de serviços e colaboradores;

- promove mudanças na comunidade;
 - envolve todo o ecossistema da empresa;
 - permite que os resultados apareçam e sejam compartilhados;
 - e fortalece as pautas ESG".
- O site traz cerca de 600 ações de mais de 135 empresas em dez frentes de atuação da primeira infância. Confesso que nunca tinha pensado neste tema no macro contexto ESG. É só mudar o olhar. E comprovar que todas as dimensões estão correlacionadas. Veja só, o guia explica que:

- Primeira infância é a etapa que envolve a gestação e os primeiros seis anos de vida. Período em que a aprendizagem acontece de forma intensa: o cérebro realiza 90% das conexões cerebrais de toda a vida; 1 milhão de sinapses por segundo. Nessa fase, a criança começa a estabelecer relações com as pessoas e o ambiente, moldando sua personalidade e seus comportamentos. (...)
- A ciência comprova que os primeiros anos de vida são essenciais para a formação do cérebro e, consequentemente, influenciam a personalidade de

cada indivíduo, moldando o adulto que ele se tornará. Por isso, a primeira infância tem sido, cada vez mais, foco de políticas públicas e de ações dentro e fora das empresas. (...)

- Garantir a preservação da humanidade significa dar condições para que as novas gerações se desenvolvam plenamente e possam vivenciar a fase adulta na sua plenitude, como cidadãos conscientes de seu papel na manutenção de um ecossistema integral, de relações saudáveis e inclusivas.

Termino com um convite: visite o site Empresas e Primeira Infância e proponha essa reflexão em sua empresa. Certamente há espaço para a primeira infância junto às iniciativas de redução de gases de efeito estufa, diversidade, boa governança... Vamos nessa?

Sonia Consiglio Favaretto é SDC Pioneer pelo Pacto Global da ONU e especialista em sustentabilidade. E-mail: soniafavaretto@hotmail.com

Este artigo reflete as opiniões do autor, e não do jornal Valor Econômico. O jornal não se responsabiliza nem pode ser responsabilizado pelas informações acima ou por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso destas informações.



Agropecuária é destaque na bolsa e tende a manter ritmo

O que primeira infância tem a ver com ESG?

Agropecuária é destaque na bolsa e tende a manter ritmo

Comitê de sustentabilidade: nova peça no xadrez da governança

Palavra do gestor

Sonia Favaretto e
Gláucia Térreo



Podemos pensar no conselho de administração (CA) como um jogo de xadrez, onde visão, estratégia e prática se combinam. Cada movimento deve ser cuidadosamente planejado pois determina a próxima jogada e, a médio e longo prazos, a sobrevivência do rei no tabuleiro.

OCA é o principal componente do sistema de governança corporativa. Tem papel-chave para a perenidade dos negócios, fazendo o elo entre a propriedade do capital e a gestão e desta com as demais partes interessadas. Da teoria para o dia a dia das salas de

conselho, há um tanto de decisões que precisam ser tomadas. E informação é a base de tudo. A melhor tomada de decisão se dá quando todos os fatos e dados são apresentados.

Os observadores mais atentos já perceberam que o conjunto de informações chamadas no inglês de ESG (Environmental, Social and Governance) — ou ASG (Ambiental, Social e de Governança) — são cada vez mais determinantes para a esfera econômica, dando origem ao que temos chamado de EESG — Economic, Environmental, Social and Governance, o mundo interconectado que precisamos, finalmente, construir.

Se as informações sociais, ambientais e de governança não chegarem correta e consistentemente ao conselho de administração, as análises serão parciais e, consequentemente, as decisões poderão apresentar riscos talvez não tão palpáveis à primeira vista, mas potencialmente devastadores para a longevidade da empresa.

A pesquisa "ASG como estratégia para perenidade dos negócios no século XXI", realizada pela GRI (Global Reporting Initiative) Brasil, com apoio institucional do IBGC (Instituto Brasileiro de Governança

Corporativa), em setembro de 2019, mostrou, entre outros valiosos resultados, que os comitês de sustentabilidade são uma importante retaguarda para os conselheiros na integração dessas variáveis ao mundo econômico. Os comitês têm exatamente esse papel: apoiar a mais alta instância da companhia com opiniões e propostas em seus temas de expertise. É fundamental que sejam coordenados por membros do conselho de administração e contem com outros conselheiros e especialistas no tema em questão. Alguns comitês já estão consagrados: de auditoria, pessoas, riscos. Chegou a hora de trazermos uma nova peça para este tabuleiro: os comitês de sustentabilidade.

Essa hora coincide com, finalmente, a emergência do entendimento de que os temas sociais e ambientais agregam valor ao negócio, seja como mitigação de risco ou geração de novas oportunidades. Fatos recentes aceleraram este movimento: em agosto de 2019, a Business Roundtable, instituição americana formada pelos principais CEOs, tornou pública uma declaração de que o propósito de suas companhias deveria ir além do resultado puramente financeiro; em janeiro deste ano, o presidente

mundial da maior gestora de recursos de terceiros do mundo, a BlackRock, Larry Fink, enviou uma carta aos CEOs das suas empresas investidas afirmando que sustentabilidade passaria a ser o padrão de investimento da casa; e, finalmente, em fevereiro, o Fórum Econômico Mundial, em Davos, consagrou o termo "capitalismo de stakeholder". Depois, fomos atropelados pela pandemia da covid-19. Mas sinais emitidos pelas mais variadas fontes de informação apontam para uma recuperação econômica "verde".

Algumas empresas já têm comitês de sustentabilidade. Outras endereçam essas questões por meio de outros comitês. Não é o ideal, mas já é uma sinalização importante. Conceitualmente falando, os fatores de sustentabilidade deveriam ser observados por todos os comitês, por todas as áreas da empresa, de forma transversal. Mas os impactos socioambientais e de governança no negócio ainda são um tema que requer entendimento. Por isso, uma estrutura dedicada a ele, o comitê de sustentabilidade, é o melhor caminho.

A pesquisa GRI - IBGC foi realizada com grupos focais de conselheiros e profissionais de

sustentabilidade e chegou a cinco conclusões importantes:

1) os fatores sociais, ambientais e de governança são um risco no nível do conselho; 2) o conselho deve fazer uma gestão de risco holística; 3) é responsabilidade do conselho inserir as questões ASG na visão estratégica dos negócios; 4) a comunicação com as partes interessadas é fundamental para a transmissão do compromisso da empresa com a criação de valor a longo prazo; 5) é necessário ter uma visão integrada na definição de indicadores e KPI (indicador-chave de desempenho).

As oportunidades que chegam com esse olhar diferenciado são muitas, entre elas: redução de incertezas nos negócios e em sua cadeia de valor; redução de risco e prevenção/mitigação de impacto, incluindo a prevenção de custos associados a eventos indesejados; maior eficiência operacional; maior retenção de talentos e produtividade dos funcionários; menor custo de capital; maior acesso a mercados e investidores que exigem gerenciamento de ASG; inovação para entrar em novos mercados e produtos; aumento da reputação; relações aprimoradas com as partes interessadas; e proteção e manutenção de

licença para operar.

Um jogo de xadrez representa o conflito entre forças opostas e tem origem na Índia. Em todas as línguas célticas, o jogo de xadrez significa "inteligência da madeira", pois requer habilidade humana para jogá-lo, assim como a vida requer habilidade das pessoas na luta entre altos e baixos. O termo "xeque-mate" vem do árabe e o significado é "o rei está morto". Os comitês de sustentabilidade chegam como nova peça nesse tabuleiro dos conselhos de administração, um reforço ao time para que o xeque-mate em função de decisões que não consideram os fatores de sustentabilidade de forma holística e profunda seja definitivamente banido desse jogo.

Sonia Favaretto é presidente do Conselho Consultivo da GRI (Global Reporting Initiative) Brasil
E-mail: soniafavaretto@hotmail.com

Gláucia Térreo é diretora-executiva da GRI Brasil
E-mail: terreo@globalreporting.org

Este artigo reflete as opiniões do autor, e não do jornal Valor Econômico. O jornal não se responsabiliza e nem pode ser responsabilizado pelas informações acima ou por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso destas informações.

B3 lidera indicações ao lado de papel da Petrobras

INDEB já vendeu 21 milhões de ações da Vale em pregão desde agosto

Comitê de sustentabilidade: nova peça no xadrez da governança

'Greenwashing': por que estamos falando disso de novo?

Palavra do gestor

Sonia Favaretto



Há cerca de quatro meses ouvi um questionamento sobre práticas de "greenwashing" por parte de empresas. Este é um termo em inglês que pode ser traduzido para "maquiagem verde", ou seja, quando há a divulgação de ações ou atributos associados a uma agenda ambiental (ou de sustentabilidade de forma mais ampla) que não são verdade, ao menos não em sua totalidade.

Minha primeira reação foi de descrédito e um certo cansaço. "Isso é assunto antigo", rebati. Afinal, vivi essa história no início dos anos 2000, quando o

termo surgiu pra valer em nosso mercado. Era um momento de ebulição na pauta da sustentabilidade.

Em 2005, tivemos o furacão Katrina, a primeira grande tragédia vinculada a mudança climática que causou uma profunda crise social e econômica. Em 2006, Al Gore popularizou a discussão em seus gráficos sobre aquecimento global. Em 2008, o Banco Real era vendido ao ABN Amro, abrindo uma bela janela de oportunidade para posicionamento de bancos no tema. Banco do Brasil, Bradesco, Unibanco, todos saíram com pesadas peças publicitárias sobre suas iniciativas socioambientais. Eu era "head" de sustentabilidade do Itaú à época e lembro que optamos por não fazer nenhuma divulgação deste tipo. Mas, sim, trouxemos o Al Gore e sua Verdade Inconveniente ao Brasil.

Uma reportagem do **Valor** de maio de 2009 tinha como título "Marketing verde não convence" e trazia dados e fatos sobre como certas ações de comunicação podiam ser mais danosas à imagem das empresas do que efetivamente posicioná-las positivamente.

Me surpreendi ao ver uma declaração minha ao reler a matéria. Eu opinava sobre uma pesquisa com 2.055 brasileiros de 18 anos ou mais em todo o país que apurou que:

- a maioria (70%) dizia que daria preferência a bancos que os informassem sobre os impactos socioambientais de seus investimentos;
- mais da metade trocaria de banco se estas informações fossem oferecidas pela concorrência, desde que recebessem condições comerciais idênticas;
- 18% dos entrevistados declararam que passariam à instituição mais transparente independentemente de serviços e taxas.

Minha fala foi: "Sonia Favaretto, superintendente de sustentabilidade do Itaú Unibanco, é reticente. Tenho dúvidas se os clientes de fato mudariam de banco", diz. "Existe uma diferença entre intenção e atitude." Sigo achando que há um hiato entre esses dois comportamentos. Mas certamente estamos muito mais próximos hoje de que essa postura se concretize mais e mais.

Vivi esse momento e não

acredito que essas peças publicitárias dos bancos eram "greenwashing". É só confirmar a continuidade da seriedade dessas instituições nos anos seguintes. Mas a desconfiança da sociedade estava colocada. E era genuína. Tudo era muito novo e estávamos todos aprendendo e entendendo essa nova realidade. Foram bons debates. E apenas com bons debates evoluímos.

Mas já se passou mais de uma década deste momento emblemático. Evoluímos muito. Novos produtos, serviços e regulações foram criados. Transparência deixou de ser uma opção e se tornou o nome do jogo. Acordos e compromissos mundiais movimentam causas e aceleram decisões. Estamos no mundo que viu o Fórum Econômico Mundial indicar no "Relatório de Riscos Globais 2020" que os riscos ambientais serão os principais para a próxima década, seja em termos de probabilidade ou impacto.

Onde então se abriu a brecha para ouvirmos de novo o termo "greenwashing"? Depois de muito pensar, conversar e analisar, cheguei à (minha) explicação para este movimento. A agenda da sustentabilidade

atraiu novos atores nos últimos anos, especialmente investidores. Estamos finalmente nos tornando "mainstream", "saindo do anexo" das apresentações de relações com investidores. É natural que uma nova onda de dúvidas surja entre os que começam a se envolver e vivenciar esta pauta mais de perto. E, uma peça fundamental entrou neste jogo: a pandemia. Esta crise que tem na sua essência o componente humano, o "S" dos fatores EESG (Economic, Environmental, Social e Governance), colocou sob o holofote a discussão sobre o propósito das empresas e suas políticas e práticas. EESG virou tema de matérias, lives, artigos, debates. Que bom. Para onde olharmos, parece que a tendência é uma "recuperação verde", impulsionada, claro, pela Europa. Mas não só.

Neste cenário, há sempre os céticos procurando as promessas vazias e as más intenções. Mas não estamos mais no início dos anos 2000. A sociedade hoje tem mais ferramentas para fazer controle social sobre as empresas e instituições. Não existe mais "off". Estamos no "on" o tempo todo. Sendo assim, vejo bem

pouco espaço para posturas de greenwashing deliberadas.

Prefiro acreditar em pouco entendimento de uma empresa que prega o que não faz. Ou não o faz em sua totalidade. Ou da melhor forma. Seria muita falta de visão da empresa se ela optasse por um caminho enganoso. E, se assim o for, terá vida curta. Até pelo ótimo e necessário questionamento do mercado sobre o que ela está informando. Ponto. Prefiro focar as discussões em outras pautas. Assunto não falta e o momento é mais do que propício para implementarmos novas e urgentes agendas da sustentabilidade. Vamos buscar este novo?

Sonia Favaretto é presidente do conselho consultivo da GRI Brasil, vice-presidente do conselho técnico-consultivo do CDPLA e conselheira do Instituto Ekos Brasil
E-mail soniafavaretto@hotmail.com

Este artigo reflete as opiniões do autor, e não do jornal Valor Econômico. O jornal não se responsabiliza e nem pode ser responsabilizado pelas informações acima ou por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso destas informações.



Cotista do Campus Faria Lima rejeita cortar aluguel da Estapar

Do meio ambiente para as pandemias, os riscos em Davos



F

Do meio ambiente para as pandemias, os riscos em Davos

Palavra do gestor

Sonia Favaretto



Foi notícia comemorada mundo afora em janeiro deste ano. Há menos de quatro meses, mas parece outra década... Pela primeira vez na história do Relatório Global de Riscos do Fórum Econômico Mundial, os riscos ambientais dominaram os cinco primeiros lugares em termos de probabilidade e três de cinco em termos de impacto.

O relatório, que mapeia os riscos para a próxima década, é feito com base em entrevistas com cerca de 800 formadores de opinião e especialistas de todo o mundo. Este ano, os organizadores consultaram

também um segundo grupo, os Global Shapers, formado por futuras lideranças (foram ouvidos cerca de 200), e os resultados foram similares.

E as pandemias? Davos antecipou o que estamos vivendo de forma devastadora hoje? Desde a publicação do primeiro relatório, em 2007, considerando os "Top Five" riscos em termos de probabilidade e impacto, vemos que:

1) em termos de probabilidade, o risco "Chronic Diseases" aparece nos quatro primeiros anos, de 2007 a 2010, em segundo, quinto, terceiro e terceiro lugar, respectivamente. Nos anos seguintes, nunca mais um risco relacionado ao tema apareceu com alta probabilidade de ocorrer na década seguinte;

2) em termos de impacto, o risco aparece em 2007 (quarto lugar) e 2008 (quinto lugar) com o nome "Pandemics". Em 2009 e 2010, "Chronic Diseases" surge em quarto lugar. Em 2015, "Infectious Diseases" aparece em segundo lugar. De lá para cá, nenhuma menção nos Top Five;

3) "Infectious Diseases" aparece em 2020 no décimo lugar em termos de impacto;

4) o relatório também

perguntou aos entrevistados quais os dez riscos que acreditavam que iriam aumentar em 2020. Ninguém, nem os líderes atuais nem os futuros, relacionaram nada parecido com pandemia.

Fazendo uma pesquisa em fatos que aconteceram nas duas edições do Fórum, vemos que o tema sempre esteve presente, de alguma forma. Em 2018, o Fórum promoveu o seminário "Estamos preparados para a próxima pandemia?", que teve plateia cheia. "Sabemos que acontecerá, mas não temos nenhuma possibilidade de evitá-lo", disse Sylvie Briand, especialista em riscos infecciosos na Organização Mundial da Saúde (OMS) à época.

Em 2019, um relatório publicado em Davos estimava que as "pandemias poderiam causar perdas financeiras anuais de 0,7% do PIB global (US\$ 570 bilhões) nos próximos anos, uma ameaça similar àquela causada pelas mudanças climáticas". O documento trazia ainda que desde 2011 o mundo registrou em média 200 epidemias por ano. A tendência era de que elas se intensificassem em razão do aumento do comércio, das viagens, da densidade

populacional, do deslocamento humano, do desmatamento e das mudanças climáticas. Análise mais do que atual e que estamos ouvindo amiúde nos noticiários.

O sumário executivo do Global Risks Report 2020, na parte destinada aos riscos sociais, traz uma mensagem muito forte e que estamos comprovando da forma mais cruel possível: "Os sistemas de saúde de todo o mundo correm o risco de não conseguirem atender ao seu propósito. Novas vulnerabilidades, resultantes da mudança de padrões sociais, ambientais, demográficos e tecnológicos ameaçam desfazer os ganhos de bem-estar e prosperidade do último século. O progresso contra as pandemias está sendo prejudicado pela hesitação a vacinas e resistência a medicamentos, tornando cada vez mais difícil dar o golpe final contra alguns dos maiores assassinos da humanidade. À medida que os riscos à saúde existentes ressurgem e surgem, ainda, novos riscos, os sucessos passados da humanidade em superar desafios à saúde não são garantia de resultados futuros".

Um outro trecho do relatório mostra que o que estamos

vivenciando hoje em função da covid-19 estava no radar. A assertividade da análise impressiona: "Assim como as mudanças climáticas, os riscos à saúde representam um desafio transnacional caro e em expansão. Em todo o mundo, os sistemas de saúde precisam examinar criticamente a adequação de suas abordagens e instituições atuais para manter o progresso do século passado e enfrentar as ameaças emergentes. Quando os sistemas de saúde falham em mitigar as vulnerabilidades e se adaptam a contextos em mudança, aumentam a probabilidade de crises econômicas, instabilidade política, rupturas sociais e conflitos entre Estados."

Agora é fato dado. Estamos, o mundo todo e todo mundo, lutando para acabar com uma pandemia que está nos levando 2020 embora. Espero e trabalho fortemente para que não passemos pelo mesmo em relação às mudanças climáticas, utilizando a comparação feita pelo próprio WEF. Estávamos vindo de uma trajetória otimista: carta do CEO da BlackRock, maior gestora de recursos do

mundo, aos CEOs das empresas investidas explicando que sustentabilidade se tornaria o seu padrão de investimento, Davos pregando o "Capitalismo de Stakeholder", investidores mais e mais atentos aos riscos ambientais e climáticos.

O que acontecerá após o mundo voltar ao "novo normal" não sabemos. Mas podemos — e devemos — aprender com a história, e fazemos melhor. Podemos — e devemos — nos informar, atentar, considerar, nos preparar e agir frente aos riscos ambientais que estão claramente colocados e hão de se materializar.

Sonia Favaretto é presidente do conselho consultivo da GRI Brasil, vice-presidente do conselho consultivo do CDP LA e pioneira dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, SDG Pioneer, pelo Pacto Global da ONU. É jornalista e trabalha há 15 anos com sustentabilidade.

E-mail: soniafavaretto@hotmail.com

Este artigo reflete as opiniões do autor, e não do jornal Valor Econômico. O jornal não se responsabiliza e nem pode ser responsabilizado pelas informações acima ou por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso destas informações.

EESG, o novo ESG

Palavra do gestor

Sonia Favaretto



Quando John Elkington cunhou o termo "Triple Bottom Line", no seu clássico livro "Canibais com Garfo e Faca", em 1994, trouxe para os profissionais de sustentabilidade uma referência clara do trabalho a fazer. Vejam: "Triple Bottom Line" é a expansão do modelo de negócios tradicional, que só considerava fatores econômicos na avaliação de uma empresa, para um novo modelo, que passa a considerar

a performance ambiental e social da companhia, além da financeira".

E nisso viemos trabalhando desde então (e mesmo antes, mas sem um termo que definisse o movimento). Os tais fatores a que ele se refere, que deviam e devem ser incorporados ao mainstream econômico, são as letras ESG (Environmental, Social e Governance) ou, em português, ASG (Ambiental, Social e Governança). Essas três letrinhas nunca foram tão famosas como neste início de ano. Na verdade, já em agosto de 2019 elas ganharam mais holofote.

Foi quando os quase 200 CEOs que integram a "Business Roundtable", associação americana sem fins lucrativos criada em 1972, fizeram um posicionamento público anunciando uma mudança radical de direção. Rompendo com a política mantida há mais de 20 anos, que privilegiava a maximização do lucro dos acionistas acima de tudo, informaram que o propósito de suas empresas será ampliado, favorecendo também seus

funcionários, clientes e as comunidades em que atuam.

Aí chegou 2020 com a carta anual do CEO da BlackRock, Larry Fink, dizendo que esta, que é a maior gestora de recursos do globo, com US\$ 7 trilhões de ativos sob gestão, colocou a sustentabilidade como centro da sua política de investimentos. Quem não sabia o que era ESG saiu correndo para entender. E, então, veio Davos, pregando o chamado "capitalismo de stakeholder", termo mais falado nos corredores do Fórum Econômico Mundial.

Não era para menos. Após ir ganhando, ano a ano, mais posições no ranking de principais riscos apontados pelo fórum no "Global Risks Report", o E do ESG (fatores ambientais), representou nada menos do que os cinco primeiros riscos em termos de probabilidade de acontecer e três dos cinco em termos de impacto.

E aí não teve concorrência. ESG se tornou termo falado em verso e prosa, em matérias de jornal, programas de rádio, academia,

escolas. Que bom! Mas, para realmente transformarmos nosso jeito de fazer negócios, produzir, investir, consumir e nos comportar, precisamos começar a falar de EESG — Economic, Environmental, Social e Governance. Precisamos trazer o "E" do econômico para dentro, junto, incorporado aos fatores ESG. Ou vice-versa, não importa. Assim, deixaremos de correr talvez o pior risco para quem trabalha com sustentabilidade, que é ser visto como alguém de um mundo paralelo. Algo como ouvir "enquanto ganhamos dinheiro aqui (o 'E' do econômico), vocês cuidam dessas questões aí (a agenda ESG)".

Trabalho há 33 anos com comunicação. Acredito na força e influência das palavras e termos para definir movimentos e tendências. Quando um(a) CEO ou um(a) chairman/chairwoman começarem a usar a expressão EESG em vez de ESG, muitas mensagens estarão sendo dadas ao mesmo tempo.

Algumas: de que não há como separar o mundo; de que uma coisa sempre interfere na outra;

de que questões ambientais, sociais e de governança impactam para o bem e para o mal o resultado financeiro; de que os investimentos financeiros e planejamento estratégico devem levar em conta esta agenda em sua definição. E por aí vai.

Há 15 anos, que foi quando comecei a atuar com sustentabilidade, ou quando "Canibais com Garfo e Faca" foi publicado, não tinha como ser diferente. Tínhamos que ganhar espaço e explicar que existia um mundo além do financeiro, o mundo ESG. Mas já passamos dessa fase. Inúmeros eventos mostraram que olhar o business só pela ótica econômica é uma miopia que coloca a sobrevivência da empresa em cheque. Chegamos, enfim, à fase do EESG. Agora, é acelerar o "como" implantar toda essa agenda interligada. Até porque, mais do que nunca, estamos entendendo o quão somos interligados (coronavírus que nos diga, mas isso é tema para um outro artigo...).

Entendo que assumir a agenda da sustentabilidade ocorre em

uma empresa por três caminhos: amor (quando a alta liderança entende e acredita nela), dor (quando há perda financeira, de valor de mercado, reputação ou imagem por não se ter dado atenção a ela) ou pela inteligência (quando o executivo tem a visão e entende que este é um movimento inextinguível e para lá que o mundo vai).

Torço e trabalho para que os caminhos que trilhemos nessa jornada por um mundo de fato sustentavelmente interligado, o mundo do EESG, sejam sempre o do amor e da inteligência.

Sonia Favaretto é jornalista e trabalha há 15 anos com sustentabilidade. É presidente do conselho consultivo da GRI Brasil, vice-presidente do conselho consultivo do CDP e pioneira dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, SDG Pioneer, pelo Pacto Global da ONU. **E-mail:** soniafavaretto@hotmail.com

Este artigo reflete as opiniões do autor, e não do jornal Valor Econômico. O jornal não se responsabiliza e nem pode ser responsabilizado pelas informações acima ou por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso destas informações.



United Nations Global Compact



A PIONEER FOR
SUSTAINABLE STOCK
EXCHANGES

SONIA CONSIGLIO FAVARETTO
Brazil

EESG *SDGpioneers*

AS 4 FASES DO EESG

Quando propus o acréscimo do “E” de “Econômico” à consagrada e – mais do que nunca – famosa sigla ESG (*Environmental, Social and Governance*; ou Ambiental, Social e Governança Corporativa, em português) queria enfatizar, por meio da linguagem e da comunicação, o que os profissionais de Sustentabilidade sabem há décadas: que as questões sociais, ambientais e de governança impactam e são impactadas pelo econômico. Não podemos mais separar, nem que seja numa sigla, essas dimensões. A proposta foi bem aceita, vejo várias pessoas usando. Aí me pus a pensar como chegamos, em 2020, ao EESG. E fiz um exercício de volta ao tempo que agora compartilho com vocês. Exercício baseado na minha vivência e reflexões.

por **SONIA FAVARETTO**



Costumo dizer que no Brasil o “G” “chegou primeiro”. Relaciono os dois principais fatos para isso, na minha visão. Em 2000 (com a primeira listagem em 2002), foi lançado o “Novo Mercado”, o mais elevado segmento especial de listagem da B3. A despeito das críticas (há algo perfeito?...), ele se tornou um benchmark internacional e o padrão de transparência e governança exigido pelos investidores para as novas aberturas de capital, sendo recomendado para empresas que pretendem realizar ofertas grandes e direcionadas a qualquer tipo de investidor (investidores institucionais, pessoas físicas, estrangeiros etc.). Notem que o lançamento do NM se deu 5 anos antes da criação do ISE – Índice de Sustentabilidade Empresarial, instrumento que tornaria a macro agenda da sustentabilidade mais falada e conhecida. Mas antes ainda deste importante marco, tivemos, em 1995, a fundação do IBGC – Instituto Brasileiro de Governança Corporativa, referência nacional e internacional no tema. São 25 anos disseminando conhecimento e contribuindo para o avanço da agenda da governança entre empresas e demais agentes deste ecossistema. Era o “G” navegando sozinho. É o que considero a primeira fase do EESG.

O início dos anos 2000 foi um marco na popularidade da sustentabilidade. Tivemos, infelizmente, o Furacão Katrina em 2005, onde começamos a perceber que algo de muito diferente estava ocorrendo no meio ambiente, com impactos imprevisíveis também nos âmbitos social e econômico. Em 2006, Al Gore rodou o mundo com seus gráficos e sua *Verdade Inconveniente*. Empresas começaram a fazer anúncios e comerciais de televisão divulgando suas iniciativas na agenda socioambiental. Isso mesmo... Era esse o termo mais utilizado naquele momento: **socioambiental**. Era o “E” e o “S” fazendo dupla e ajudando o mercado a entender que essas letras tinham que ser consideradas na gestão e estratégia, sob pena de perdas de reputação, imagem e, ainda em menor grau de entendimento, financeiras.

Foi comum naquele momento a criação de políticas corporativas de responsabilidade socioambiental, de áreas de crédito socioambiental, fundos socioambientais. Sustentabilidade era quase sinônimo do “ES”. Era engraçado como as iniciativas de governança ficavam fora desse contexto. Experiência própria. Quando nos perguntavam quais eram os índices de sustentabilidade da Bolsa, em geral citávamos só o ISE (Índice de Sustentabilidade Empresarial) e o ICO2 (Índice Carbo-

“ O início dos anos 2000 foi um marco na popularidade da Sustentabilidade. Tivemos, infelizmente, o Furacão Katrina em 2005, onde começamos a perceber que algo de muito diferente estava ocorrendo no meio ambiente, com impactos imprevisíveis também nos âmbitos social e econômico. Em 2006, Al Gore rodou o mundo com seus gráficos e sua *Verdade Inconveniente*. Empresas começaram a fazer anúncios e comerciais de televisão divulgando suas iniciativas na agenda socioambiental. ”

no Eficiente). O IGC (Índice de Governança Corporativa) não aparecia naturalmente na descrição. Porque, como avalio, o “G” “saiu na frente” e ficou por um tempo desconectado deste contexto. Esta é então a segunda fase do EESG.

Com o avanço das discussões sobre a necessidade da transparência de informações socioambientais, com a maior adoção dos vários padrões de relato e disclosure (GRI, CDP, TCFD, RI), a pressão dos investidores para saber como a alta liderança estava incorporando todas essas questões e a consequente “subida” do tema para as salas dos Conselhos, o G se aproximou do E e fez com que o “ESG” se tornasse mais comum.

PONTO DE VISTA

Foi quando uma pandemia inesperada e devastadora nos fez perceber, pela dor, que uma questão social, de saúde, e ao mesmo tempo relacionada ao meio ambiente, impacta o econômico. Ou seja, entendemos que o mundo está definitiva e incontestavelmente interligado, interconectado. O humano é importante, sim. O meio ambiente é importante, sim. E não só porque são agendas positivas, mas porque deles depende também a perenidade do negócio. Foi quando o ESG se tornou “figurinha carimbada” na imprensa, cantado em verso e prosa e tema de todas as rodas de conversa. É a terceira fase do EESG.

Hoje grandes gestores de recursos estão criando suas áreas ESG e trazendo a sustentabilidade para o core do negócio. O Fórum Econômico Mundial anuncia que o tema de Davos em 2021 será o “The Great Reset”. Ao mesmo tempo, vemos renascer o termo “greenwashing”, muito comum lá na época do Al Gore. Há o receio de que esse “boom” ou “tsunami” do ESG seja aproveitado por aventureiros e oportunistas. Entendo o temor. Se bem que não o tenho. Acredito que já temos uma maturidade importante nessas questões e o controle social hoje é muito mais capaz de separar o joio do trigo. Haja vista as empresas que derraparam feio no início da pandemia. Não foram poupadas...

Com todo esse movimento que estamos vivenciando de investidores, CEOs, conselheiros, governos, organismos mundiais e demais atores de mercado reconhecendo a relevância do ESG, me pareceu mais do que natural e absolutamente no timing retomar o EESG, uma ideia que tive em 2013, compartilhei com meu time e depois com os colegas do IBGC. A nossa Comissão de Sustentabilidade do IBGC à época acreditou na força do EESG e nos mobilizamos para levar a sigla para fóruns maiores. Mas não aconteceu. O que inevitavelmente me leva à frase: “Nada é mais poderoso do que uma ideia cujo tempo chegou”, como disse Victor Hugo. Chegou, então, a hora do EESG.

Como profissional de comunicação, acredito na força e influência das palavras e termos para definir movimentos e tendências. Quando um/uma CEO ou um/uma chairman/chairwoman começam a usar a expressão EESG em vez de ESG, muitas mensagens estarão sendo dadas ao mesmo tempo. Algumas: de que não há como separar o mundo; de que uma coisa sempre interfere na outra; de que questões ambientais, sociais e de governança impactam para o bem e para o mal o resultado financeiro; de que os investimentos financeiros e planejamento estratégico devem levar em conta esta agenda em sua definição. E por aí vai. Esta é a quarta fase do EESG, a definitiva, portanto. Até que não precisemos

“ Há o receio de que esse “boom” ou “tsunami” do ESG seja aproveitado por aventureiros e oportunistas. Entendo o temor. Se bem que não o tenho. Acredito que já temos uma maturidade importante nessas questões e o controle social hoje é muito mais capaz de separar o joio do trigo. ”

mais de siglas e as questões sociais, ambientais e de governança estejam plenamente inseridas no mainstream econômico. E componham, enfim, o novo mainstream.

Naquela fase do Katrina e do Al Gore, era comum jornalistas me perguntarem se aquilo era moda, se as questões sociais e ambientais iriam continuar relevantes no ano seguinte. O tempo mostrou que, não só se tornaram relevantes, mas cresceram e ganharam padrões, metodologias, métricas e indicadores. Cercaram-se de conceitos e concretude. Não chegamos ao dia de hoje, onde EESG é pauta de todos os jornais econômicos, do dia para a noite. Isso não acontece assim. É fruto de uma jornada, longa, muitas vezes mais demorada do que gostaríamos, mas consistente. Agora é a hora de avançarmos mais, e mais rapidamente. Os ventos são favoráveis. Os comandantes perceberam a importância de segurar esse leme e conduzir seus navios nesta direção.

Chegar ao destino será apenas uma - bela - consequência. **RI**



SONIA FAVARETTO é jornalista e trabalha há 22 anos com Sustentabilidade, Comunicação e Investimento Social. É Presidente do Conselho Consultivo da GRI Brasil, Vice-Presidente do Conselho Técnico-Consultivo do CDP, conselheira do Instituto Ethos Brasil e de empresas e SDG Pioneer pelo Pacto Global da ONU. soniafavaretto@hotmail.com



Em termos conceituais, trabalhamos com a lógica da interconexão entre os fatores Econômicos, Ambientais, Sociais e de Governança Corporativa. Afinal, eles se interligam o tempo todo. Por isso, sempre dizemos que a Sustentabilidade é um tema transversal e deve permear todas as áreas da empresa. Mas, em termos didáticos, o uso de siglas e estruturas ainda é muito útil. Neste sentido o ESG = Ambiental, Social e Governança, em inglês (a "sigla mais famosa das galáxias", como o tenho chamado) tem sido precioso para a disseminação desta agenda que traz um novo modelo de mundo. Nesta mesma linha de raciocínio, separar análises por letras é rico e aprofunda as reflexões. É o que faço agora, trazendo à luz o "S" do ESG (ou EESG, como prefiro usar, incorporando o "E" do econômico).

Sempre houve uma certa discussão sobre o "E" ter mais destaque do que o "S". Que se fala bastante, por exemplo, sobre preservação de recursos naturais e muito pouco sobre direitos humanos. Concordo com o ponto. Será que apenas temos mais dificuldade em abordar a fome e a pobreza do que o desmatamento ou será que de fato as ações ambientais recebem mais atenção e investimento do que as sociais?

por SONIA CONSIGLIO FAVARETTO

Difícil dar uma resposta. Mas fato é que a devastadora pandemia da Covid-19 trouxe o "S" para o centro da discussão. Costumo dizer que "descobrimos que somos seres humanos". Passamos a rever nossos valores, questionar nosso propósito, repensar nossas atitudes. Nós e nossas empresas estão neste movimento. Que bom. Devemos aproveitar este momento e avançar. Pois precisamos.

Quando falamos do "S", estamos tratando de várias frentes, que têm por base as pessoas. Falamos das relações, políticas e práticas das empresas direcionadas aos seus funcionários, claro, mas também aos fornecedores, clientes, comunidades, governo, sociedade civil organizada... Ou seja, há uma ampla gama de possibilidades de atuação para reverter quadros e alavancar oportunidades. A interessante pesquisa "The ESG Premium: New perspectives on value and performance", da McKinsey & Company, de fevereiro de 2020, mostrou que em uma década, de 2009 a 2019, cresceu de 40% para 65% os respondentes que entendem que investir nas questões sociais agrega valor também no curto prazo.

O estudo ouviu centenas de executivos C-level e da comunidade de investimentos. É um bom sinal de que estamos compreendendo que a agenda social não é importante só no longo prazo. Porque o que é de longo prazo, muitas vezes, fica para depois... Corroborando com esses dados, a pesquisa da BlackRock, "Sustainability goes mainstream - Global Sustainable Investing Survey", de setembro de 2020, mostra que 425 investidores de 27 países, incluindo Brasil, que tem US\$ 25 trilhões sob gestão, pretendem aumentar de 52% para 58% nos próximos 3 a 5 anos o foco no "S" ao fazer sua alocação de capital. É promissor ver a lente dos investidores e líderes empresariais mirarem o social. Que seja um movimento cada vez mais ampliado e acelerado.

Esses dados são promissores. Mas tem nuances a serem observadas. Na pesquisa "The ESG Global Survey 2021", que acaba de ser divulgada pelo BNP Paribas e foi feita com 356 investidores institucionais de Europa, América do Norte e Ásia-Pacífico com mais de 11 trilhões de euros sob gestão, o "S" é o pilar do ESG mais desafiador para a integração na análise de investimentos. Metade dos respondentes, 51%, o identificaram assim.

O "E" vem em segundo lugar, com 39%. Já o "G" se mostrou mais complexo apenas para 27% dos entrevistados. Um grande foco nas mudanças climáticas por parte dos investidores institucionais tem sido tema recorrente desde o início da pesquisa, em 2017, indicando consistentemente que os aspectos ambientais são menos desafiadores de analisar e integrar do que os sociais.

Quando falamos do "S", estamos tratando de várias frentes, que têm por base as pessoas. Falamos das relações, políticas e práticas das empresas direcionadas aos seus funcionários, claro, mas também aos fornecedores, clientes, comunidades, governo, sociedade civil organizada... Ou seja, há uma ampla gama de possibilidades de atuação para reverter quadros e alavancar oportunidades.

PONTO DE VISTA

Por tudo isso, acredito firmemente que tendemos a buscar maior equilíbrio entre as 3 letras, E, S e G, com crescente visibilidade e importância do S. E não porque somos bonzinhos e queremos salvar o mundo. Mas, fundamentalmente, porque o "S" trata de pessoas.

Quão desafiadores você considera os diferentes componentes do ESG (E, S ou G) quando se trata de avaliá-los e incorporá-los à análise de investimento?



Trazendo de volta a pandemia para a nossa conversa, talvez eu não precisasse recorrer a números para basear a tese de que estamos mais propensos a olhar para o "S" em nosso dia a dia, seja como cidadãos, empresários, líderes, investidores. Mas, como boa jornalista, gosto de fatos e dados. E esses são muito fortes: pesquisa divulgada pelo UBS em junho deste ano com 3,8 mil pessoas com carteira de ao menos US\$ 1 milhão em ativos, em 15 mercados (inclui Brasil), foi taxativa: 90% dos entrevistados querem que seus investimentos estejam alinhados aos valores pessoais e cerca de 50% planeja aumentar as doações.

Na América Latina, 81% querem fazer a diferença quando aplicam recursos e 73% querem encontrar um propósito mais claro para sua vida.

Por tudo isso, acredito firmemente que tendemos a buscar maior equilíbrio entre as 3 letras, E, S e G, com crescente visibilidade e importância do S. E não porque somos bonzinhos e queremos salvar o mundo. Mas, fundamentalmente, porque o "S" trata de pessoas. De como elas operam, se relacionam e se comportam. De como transformam ou não uma realidade. De como interagem entre si e provocam novos cenários. O "Capitalismo de Stakeholder", centrado no ser humano, nunca foi tão falado como agora.

Trabalho para o dia em que não precisemos mais de siglas ou adjetivos. O dia em que, quando falarmos sobre "capitalismo", todos entendam que é um modelo que serve, ao mesmo tempo, às pessoas, ao planeta e à prosperidade. Chegará esse dia... **RF**



SONIA CONSIGLIO FAVARETTO
é especialista em sustentabilidade,
conselheira de administração e SGO Pioneer
pelo Pacto Global das Nações Unidas.
soniafavaretto@hotmail.com



Fale com nosso time:

 (11) 97075-2171

Palestras:

 maira@mm7palestras.com.br